086.9
O14h
19—
v. 1

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

histórias curiosas

1.º volume

EDITÔRA SANTOS DE OLIVEIRA
SÃO PAULO — BRASIL

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

1.0.3.641-66

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
BOOKSTACKS

REMOTE STORAGE

BOOKSTACKS OFFICE

The person charging this material is responsible for its return to the library from which it was withdrawn on or before the **Latest Date** stamped below.

Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.

To renew call Telephone Center, 333-8400

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY AT URBANA-CHAMPAIGN

MAR 23 1982

L161—O-1096

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

HISTÓRIAS CURIOSAS

VOLUME I

(2.ª EDIÇÃO)

★

EDITôRA SANTOS DE OLIVEIRA
Av. Ipiranga, 1100 — 14.º andar — Tel. 34-1736
São Paulo — Brasil)

Ilustrações de: Temístocles dos Santos Jor.

Capa de: Osvaldo de Miranda

086.9
Ol4h
19--
v.1

REMOTE STORAGE

BOOKSTACKS OFFICE

Em memória de minha querida e santa mãe

ANA SANTOS MACEDO

exemplo dignificante para minha vida.

DO MESMO AUTOR:

DIAS FELIZES — 1.º livro
DIAS FELIZES — 2.º livro
DIAS FELIZES — 3.º livro
DIAS FELIZES — 4.º livro

A TEMPESTADE E A VIDA — autobiografia

DESTINOS — romance

À BUSCA DO IDEAL — Psicologia aplicada

SOB O CÉU DO BRASIL — contos

HISTÓRIAS CURIOSAS — 1.º volume
HISTÓRIAS CURIOSAS — 2.º volume
HISTÓRIAS CURIOSAS — 3.º volume

Em colaboração com outros autores:
CURSO DE LITERATURA INFANTIL

ÍNDICE

Prefácio da 2.ª edição 9
Prolusão 11
Para-Raios — Benjamin Franklin 15
Generalidades 25
Antes da Inconfidência Mineira 31
Inconfidência Mineira — Tiradentes 37
Inconfidência Mineira — Tiradentes (continuação) 43
O leão 47
O tigre e outros carnívoros 53
Elefantes, cavalos e cães 59
Alguns animais domésticos 67
Outros animais úteis 73
Classificação de cristal de rocha 81
Os meses do ano 89
José Bonifácio de Andrada e Silva 97
José Bonifácio de Andrada e Silva (continuação) 103
A Palestina 111
Civilizações preparadoras do advento do Messias — O Nascimento de Jesus 117

PREFÁCIO DA 2.ª EDIÇÃO

HISTÓRIAS CURIOSAS *destinam-se a tôdas as idades. A forma dialogada como a conduzimos mereceu da parte de inúmeros leitores as melhores demonstrações de aprêço.*

Eminente advogado e jornalista paulistano afirmou-nos:

"Nunca aprendi tanto, em tão pouco, de maneira tão agradável".

Agradecendo a quantos nos confortaram de tantas e tão variadas formas entregamos ao público a 2.ª edição, em três volumes, acrescida de outras histórias contendo o mesmo espírito e valor das primeiras.

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

PROLUSÃO

Perguntou certa vez o rei Ptolomeu a Euclides se não havia um caminho mais curto para aprender geometria, ao que o pai da geometria respondeu: "No campo, há duas espécies de estradas — a escabrosa, usada pela gente comum, e a estrada suave, destinada à família-real. Mas na geometria todos têm de seguir o mesmo caminho. Não há estrada real para o saber".

O leitor arguto, na resposta do geômetro, aprende: a lição dada ao rei de que nos domínios do saber há necessidade de orientada ação; que os conhecimentos independem da posição social; que naquele tempo os reis possuiam estradas especiais, que para estarmos a par dessas verdades, carecemos de estudo, de leitura. A pessoa que lê tem horizontes muito mais amplos da vida.

A apresentação de um livro requer, todavia, muito cuidado. Neste que ora entregamos ao público alimentamos o propósito de abrir-lhe um campo mais vasto às suas pesquisas. Que ao lê-lo seja o leitor aguçado em seu espírito de observação e acuidade.

Se não há caminho mais fácil para a geometria, acreditamos, no entanto, haver meios mais aprazíveis para o conhecimento de história e lições de coisas.

Em nosso trabalho, — "Histórias Curiosas", uns alegrar-se-ão por novos cabedais, outros relembrar-se-ão de fatos esquecidos. O método empregado pode não satisfazer a todos mas será útil a muitos.

Pessoas há, monomaníacas, cujas inteligências e afetividades são dirigidas numa só ordem de idéias e de sentimentos. Existe uma boa percentagem, felizmente, que se agrada de conhecimentos gerais. Sentir-nos-emos compensados se pudermos satisfazer a êsses e se conseguirmos con-

duzir outros a posteriores estudos e pesquisas, incentivados pelo nosso esfôrço.

Não é extraordinário que Arquimedes no simples ato de banhar-se descobriu um dos grandes segredos da natureza, apontando a chave do "pêso específico", das diversas substâncias de que se compõe o mundo?

E não foi o mesmo Arquimedes quem calculou a relação entre a circunferência de um círculo e o diâmetro; quem formulou um método para a medição das áreas e volumes de objetos circulares e esféricos; quem descobriu a relação entre o volume de um cilindro e de uma esfera inscrita?

E não é ainda hoje utilizado o Parafuso de Arquimedes na drenagem de terrenos pantanosos da Holanda?

Mas como conhecer ou recordar êsses fatos se não através de aulas ou dos livros?

Quantos e quantos têm ouvido falar sôbre Galileu Galilei. Mas quão poucos sabem de que foi na observação do movimento oscilatório de uma candeia que Galileu descobriu o princípio rítmico da natureza, hoje aplicado nos eclipses do sol, no movimento das estrêlas, na medição do tempo pelos relógios e na contagem das pulsações humanas.

E não foi Galileu quem inventou o compasso, o termômetro e aplicou cientificamente a descoberta do telescópio?

Os sábios têm algo de sui-generis. *Vejamos a pessoa de Isaac Newton: Absorvido em seus sonhos cósmicos, não era, todavia, insensível ao amor. Pediu a uma jovem em casamento. Segurou-lhe ternamente a mão e olhou-a nos olhos. De repente, esqueceu-se da moça, engolfado como vivia, nas estrêlas. Confundindo o dedo da amada com o seu limpador de cachimbo, enfiou-o no tubo do cachimbo. Acordado pelo grito de dor da moça, desculpou-se, acabrunhado, dizendo estar, por certo, fadado a continuar solteiro.*

Não é essa uma esquisitice digna de ser conhecida? Mas para conhecer as preciosidades dos sábios ou as suas excentricidades e os grandes exemplos da humanidade temos de tomar algum tempo de nossa vida, dedicando-o ao saneamento mental e espiritual, através da boa leitura.

Faz pouco tempo passou para a eternidade a figura de Einstein. O leitor amigo gosta de televisão? Pois sem a lei

fotoelétrica de Einstein não teriam sido possíveis a televisão e outras aplicações da célula fotoelétrica.

Você julgava, por exemplo, ter afirmado Darwin descenderem os homens dos macacos? Mas não foi bem isso. Imaginava êle que homens e símios advieram de um mesmo tronco hoje desaparecido. Como sói acontecer, outros aperfeiçoaram o seu disparate.

Quem foi Agassiz? Um grande cientista, posterior a Darwin, que apresentou tese diametralmente oposta: os animais podem gerar, mas unicamente Deus pode criar.

No estudo de história, a biografia é por excelência, grande mestra. Pelo estudo de biografia ajuntamos outras tantas experiências às nossas. Elas nos instruem, dão-nos magníficos exemplos, incentivam-nos e nos alertam.

Huxley afirmara numa carta escrita ao seu amigo Hooker: "ainda não me sinto em estado de entregar as fichas". Três dias depois estava morto.

Expomos neste proêmio ligeiros traços de alguns cientistas. Êstes não serão estudados através do nosso livro. Preferimos realçar na sua maior parte fatos relativos ao nosso povo, nossa história e nossa gente. Mas o exórdio é para demonstrar o mundo de lições a se tirar dos grandes espíritos do globo terrestre. E destarte propiciar gôsto para maiores estudos.

Quanto e quanto se pode aferir de estadistas, escritores, filósofos, escultores, músicos e poetas.

Estamos falando em biografias, mas tratamos em nosso livro de biografias e de outros assuntos. Escolhi-os à medida que me foram surgindo à mente em forma de conversa. Fi-lo através dos personagens criados: o vovô, que tem sempre pronta a resposta, o netinho, circunspecto e perscrutador, a netinha, mais infantil, e três amigos do netinho: um espírito bairrista, outro, afeito à gíria e o terceiro amante de anedotas e trocadilhos, movimentando e animando as histórias curiosas.

Terei prestado o meu concurso? Penso que sim. Se alguém o julgar de modo contrário, valho-me da teoria da relatividade de Einstein.

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

PARA-RAIOS — BENJAMIN FRANKLIN

NETINHO — Vovô, conte-me outra história hoje.

VOVÔ — Você não está com sono?

NETINHO — Não vovô, quero ouvir mais alguma coisa bonita.

VOVÔ — Que você prefere?

NETINHO — Ah! Antes da história diga-me uma coisa?

VOVÔ — Que?

NETINHO — Ontem na escola o professor corrigiu-me dizendo que eu devia falar para-raios e não para-raio.

VOVÔ — Sim, deve ser para-raios, raios no plural, e não raio, pois o aparelho é para reter muitos raios e não um só; o professor tem razão.

NETINHO — Que é um para-raios, vovô?

VOVÔ — Para-raios, Carlinhos, é um aparelho formado principalmente de uma haste metálica que se coloca na parte culminante dos edifícios destinado a atrair as descargas elétricas da atmosfera, livrando delas os lugares, pessoas, animais ou prédios próximos.

NETINHO — Atrair as descargas elétricas?

VOVÔ — Sim, nós estamos chamando de descargas elétricas os raios.

NETINHO — Que é raio?

VOVÔ — É uma faisca elétrica.

NETINHO — Outro dia, vovô, um raio matou um homem no mato; eu li num jornal: Que bom que aqui há

para-raios. Mas você disse vovô, que é um aparelho formado de uma haste metálica. Só uma haste metálica?

VOVÔ — Não Carlinhos. Escute e eu lhe explico alguma coisa: Na extremidade inferior e fixa da haste metálica liga-se uma corrente condutora que se mete na terra. O raio atraído pela haste passa pela corrente condutora, dirigindo-se ao solo. Em seguida o perde fluido.

NETINHO — De que é feita a haste?

VOVÔ — A haste é de ferro, de 5 a 10 m., tendo na sua parte superior uma porção de cobre terminada muitas vêzes por uma ponta de platina, que resiste mais à fusão.

NETINHO — E o condutor de que é feito?

VOVÔ — O condutor é constituído ou por barras de ferro, ou por lanças de cobre, ou por cabo de ferro, ou de cobre.

NETINHO — Além da haste e do condutor, você falou em outra coisa, como se chama mesmo?

VOVÔ — Perde fluido.

NETINHO — Perde fluido; que nome engraçado.

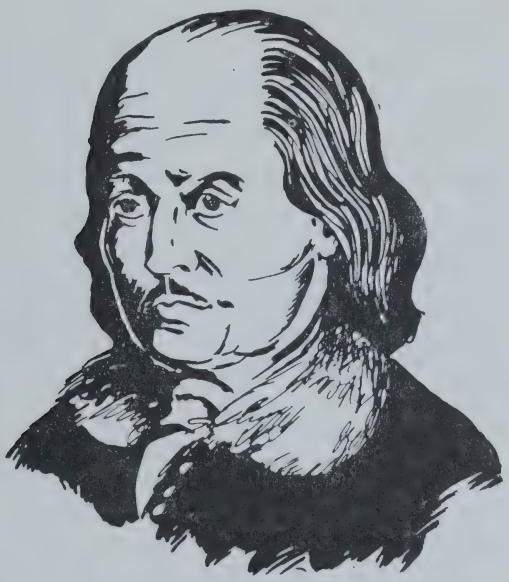
VOVÔ — O perde fluido é às vêzes um simples prolongamento do condutor, que se ramifica pela terra, ou pelo carvão propositadamente colocado no solo e outras vêzes um tubo que mergulha num poço de forma a estar contìnuamente em água, outras ainda, placas ou grades metálicas enterradas 20 cm. num solo arrelvado, de maneira que se mantenha uma boa condutibilidade elétrica.

NETINHO — Como o mundo está adiantado, vovô!

VOVÔ — Admite-se como regra que, numa construção ordinária, uma haste protege suficientemente o volu-

me de um cone de revolução que tenha a ponta por vértice e como raio da base a altura desta haste medida a partir da cobertura multiplicada por 1,75.

NETINHO — Isso eu não entendo vovô, está muito complicado.



VOVÔ — Realmente Carlinhos. Mas uma outra coisa você pode entender e deve saber. E essa é que, qualquer que seja a disposição adotada, convém verificar se foram bem atendidas certas condições essenciais, visto que um para-raios mal estabelecido é mais perigoso que útil. Há outras coisas sôbre para-raios como por exemplo o processo de Melsens que em vez de uma só haste é constituido de várias pontas.

NETINHO — Quem inventou o para-raios, vovô?

VOVÔ — Foi Benjamin Franklin.

NETINHO — Faz muito tempo que êle morreu?

VOVÔ — Já morreu há muitos anos. Isso se deu em 1790, portanto há mais de 150 anos.

NETINHO — Quanto tempo! Era norte-americano, vovô, não é?

VOVÔ — Era norte-americano. Vou contar-lhe a história. O pai dêle era inglês e chamava-se Josias Franklin. Naquele tempo eram comuns as perseguições religiosas e por isso é que Josias imigrou para a América do Norte. Na Inglaterra dedicava-se à tinturaria em sêdas profissão de nenhum rendimento no Novo Mundo. Na América escolheu Boston para morar. Boston, na época, uma cidadezinha pobre, com cinco mil habitantes, que não conheciam outro meio de iluminação além da vela. Assim Josias fabricava velas e sabão para sustentar sua numerosa família constituída de espôsa e dezessete filhos.

NETINHO — Dezessete filhos? Que colosso, vovô!

VOVÔ — Realmente, dezessete filhos. Benjamin Franklin era o 15.º. Nasceu em Boston, num domingo, a 6 de Setembro de 1706. O ambiente da casa paterna foi muito útil para Benjamin Franklin. Seu pai, Josias, homem honesto, inteligente, trabalhador e exemplar pai de família, era alegre, gostava de tocar violino e cantar, tinha saúde e viveu oitenta e nove anos.

NETINHO — Oitenta e nove anos?

VOVÔ — Oitenta e nove, e sua espôsa, mãe de Benjamin Franklin, viveu oitenta e quatro.

NETINHO — Puxa !

VOVÔ — Como você está ouvindo, Carlinhos, o meio era bom para Benjamin Franklin. É verdade que êle teve só um ano de escola, e deixou-a quando apenas contava dez de idade, pois sendo seu pai pobre e com numerosa família, não podia manter os seus estudos.

Mas o pai dêle convidava pessoas cultas para jantar aos domingos em sua casa e encaminhava sempre as conversações para assuntos instrutivos, desviando qualquer motivo banal.

NETINHO — E Benjamin Franklin foi uma criança perfeita?

VOVÔ — Não, êle errou como tôdas as crianças erram. E não só as crianças erram, mas os homens também. Benjamin Franklin teve contudo uma grande virtude que nem todos possuem. Procurava acertar sempre e de todos os êrros tirava lições, corrigindo-se dêles.

NETINHO — Qual foi a profissão de Benjamin Franklin?

VOVÔ — Êle pensava fazer-se marujo, como aconteceu a seu irmão mais velho, mas o seu pai fêz-lhe oposição. Um dos irmãos de Benjamin, chamado Tiago, fundou em Boston uma tipografia e Josias conseguiu com êle, que Benjamin fôsse nela trabalhar como aprendiz. Apesar de Tiago não ter sido correto para com seu irmão e possuir um temperamento neurastênico, Franklin progredia na sua arte. Trabalhava e estudava sòzinho no meio dos maiores sacrifícios. Como resultado, com apenas catorze anos, além de ter aprendido quase todo o segrêdo da arte de imprimir, Franklin começou suas produções literárias. Escreveu vários artigos de atualidade, assinou-os com um pseudônimo e os colocou, à noite, debaixo da porta da redação do jornal também fundado por seu irmão. Faziam-se várias hipóteses sôbre quem seria o colaborador misterioso. Todos elogiavam seus artigos. Um dia resolveu aparecer como autor dos artigos para receber aplausos. Mas em vez de aplausos só teve severa repreensão, pois o irmão só via nisso espírito de vaidade.

NETINHO — Que irmão mau êle tinha, vovô!

VOVÔ — De fato. No entanto continuou a receber a sua colaboração e a tirar todo o proveito possível da sua inteligência. Até um poema de Franklin foi impresso e vendido na cidade, revertendo os lucros para o irmão. E com tudo isso continuava a repreendê-lo e a contrariá-lo. Muitas outras coisas fêz o irmão contra êle e não tinha também o apôio da família. Por essas razões mudou-se para Filadélfia.

NETINHO — E depois, vovô?

VOVÔ — Muita coisa interessante há na vida de Franklin. Um homem como êle que, não bebia, não fumava, não jogava, lia e estudava bastante, trabalhava com ardor e que também dedicava tempo ao esporte, a fim de que a saúde do corpo auxiliasse a saúde do espírito, tinha que ser um vitorioso. Esteve em Londres durante ano e meio, voltou à Filadélfia e a vida começou a ser-lhe mais pródiga. Foi deputado, fundou

a Academia e o Hospital de Filadélfia, acompanhou Washington na expedição contra os franceses, tomou parte na luta contra os índios, muito fêz pela independência americana, ajudou a confeccionar a Constituição, foi embaixador em Paris, presidente do Estado de Pensilvânia e gozou a amizade de outros homens célebres, como George Washington, Thomaz Jefferson, Voltaire, Robespierre, Morat, Rochambeau, Lafayette e tantos outros.

Franklin, Carlinhos, ajudou a si mesmo, ao seu país, à humanidade e o seu nome se fêz famoso em todo o mundo.

NETINHO — E como foi, vovô, que êle descobriu o pararaios?

VOVÔ — Quando menino, Franklin gostava muito de soltar papagaio. E chegou mesmo certa vez a atirar-se de costas à água, segurando o fio do papagaio, já muito alto, e êste impelido pelo vento, arrastou-o ajudando-o a atravessar um lago numa grande distância. À época de Franklin, uma das coisas que preocupavam os homens de cicência era a eletricidade. Um professor, em Leide, descobriu o modo de carregar uma pilha com eletricidade e o assunto se discutia em tôda a Europa, causando sensação em todo o mundo. Franklin que havia fundado uma biblioteca em Filadélfia, recebeu um aparelho elétrico e as indicações de como fazê-lo funcionar. E pôs-se a estudar tôdas as coisas referentes à eletricidade, descobrindo as propriedades que têm as pontas para despedir e atrair faiscas elétricas. Em 1750 formulou a hipótese da identidade do relâmpago com a eletricidade terrestre. Escreveu sôbre o assunto uma memória que foi ridicularizada na Europa, mas final-

mente aproveitada por uma comissão de cientistas franceses.

Certa vez, à noite, encontrava-se Franklin encostado à vidraça de uma janela, observando a fúria dos elementos, enquanto fora uma tempestade assustadora rugia. O céu, de onde em onde era aclarado pelos relâmpagos ziguezagueando de luz o espaço.

Tonitroava!

Foi quando Franklin reparou que as faiscas elétricas projetavam-se de preferência sôbre os telhados ponteagudos. Franklin concluiu desta feita que se poderia receber o raio com uma ponta metálica e conduzir a eletricidade das nuvens para o seio da terra. E muita gente deixaria de correr o risco de morrer fulminada!

Como Filadélfia está situada numa planície, à falta de um sítio elevado para a sua experiência, lembrou-se Franklin do papagaio que tanto prazer lhe proporcionara na infância.

Numa tarde quente de junho, ao desenhar-se uma tempestade, havendo prèviamente construido um papagaio de sêda fina, acompanhado do seu filho Guilherme, partiu para o campo conduzindo o seu papagaio ao qual ajustara um arame de ferro com ponta para atrair a eletricidade. À ação do vento o papagaio subiu prêso por um fio de linha, terminado por outro de sêda, tendo ajustado nessa extremidade a garrafa de Leide, para ser carregada de eletricidade.

Nisto a chuva começou a cair e as pessoas que corriam para as suas casas estranhavam o gosto extravagante daqueles dois loucos com semelhante brinquedo no meio do aguaceiro.

NETINHO — Que engraçado. E depois, vovô?

VOVÔ — Um relâmpago riscou o céu. Seguiu-se forte trovoada. Franklin verificou que o seu dedo atraia os fios do arame. Colocou-o sôbre a chama de metal, mas precisou retirá-lo diante do choque elétrico. E observou que o fio molhado aumentara o seu poder de condutibilidade. A eletricidade descia por êle com tamanha intensidade, que até faiscas saltavam do arame! Estava feita a maior descoberta do século. Franklin domou os raios. E êle teve a idéia de proteger os edifícios com hastes de ferro terminadas em pontas e seguidas de um condutor elétrico.

E as populações das cidades descansam livres dos raios por causa da descoberta de Franklin.

NETINHO — Que linda história, vovô!

VOVÔ — Agora você vai dormir meu netinho.

NETINHO — Não vovô, conte mais.

VOVÔ — Já é tarde. Você precisa dormir.

NETINHO — Que pena vovô. Antes, escute, vovô. Você pode, vovô, de amanhã em diante, contar histórias, depois do jantar, em vez de fazê-lo à noite?

VOVÔ — Posso. Por que?

NETINHO — Porque os meus colegas de escola, Fredi, Paulo e Birunga e também a priminha Neusinha, querem ouvi-las.

VOVÔ — Certo. Pode convidá-los e reunir-nos-emos todos os dias após o jantar.

NETINHO — Que bom, vovô.

VOVÔ — Boa noite, Carlinhos.

NETINHO — Boa noite, vovô.

GENERALIDADES

O vovô encontra-se na sala de visitas conversando com o seu filho mais velho, o Dr. Rubens, pai de Carlinhos. Êste entra com os seus amigos e a sua priminha.

NETINHO — Olá, vovô, aqui estão o Paulo, o Birunga, o Fredi e a Neusinha, dispostos a ouví-lo. Pode ser?

VOVÔ — Como não? Sentem-se e vamos começar.

DR. RUBENS — Bem, papai, o senhor vai distrair-se com as crianças e eu vou dar uma volta. Até logo, papai.

VOVÔ — Até logo, meu filho.

DR. RUBENS — Adeusinho para vocês.

TODOS — Adeusinho.

BIRUNGA — Que belo piano, Dr. Antônio, e que linda televisão. Nós também temos em casa um aparelho de televisão.

VOVÔ — Muito bem. Então você é amigo de Carlinhos, não é?

BIRUNGA — Amigo e colega.

FREDI — Todos nós. Birunga, Paulo e eu.

VOVÔ — Você é de São Paulo, Fredi?

FREDI — Sim. Nasci em Ribeirão Prêto.

VOVÔ — Uma cidade de grande projeção. Desde os tempos de Schmidt, o antigo rei do café e da Da. Iria, a rainha do café, e mesmo muito antes, Ribeirão Prêto tem mostrado a sua segurança no ininterrupto caminho do progresso.

FREDI — Gostei de ouví-lo, Dr. Antônio.

VOVÔ — Veio de lá há muito tempo?

FREDI — Faz dois anos, ou melhor, um ano e meio. O Sr. conhece Ribeirão Prêto? Está a par do desenvolvimento da sua indústria?

VOVÔ — Conheço bem a cidade. Com referência à indústria chamam-na com muita procedência, a "Califórna do Café", pois que o verde dos cafezais foi trocado pela imponência das chaminés.

FREDI — E que tal a Praça XV, Dr. Antônio?

VOVÔ — É a Praça XV "uma permanente festa de beleza".

PAULO — Mas então Ribeirão Prêto é **bacana** mesmo?

VOVÔ — Não use esta expressão, **bacana,** Paulo. Você deve habituar-se desde cedo à pureza da linguagem. Cada um de nós tem o dever de usar bem o vernáculo. E você, onde nasceu?

PAULO — Eu sou de Santo André.

BIRUNGA — Então é da Capital.

VOVÔ — Não. Santo André é município independente.

BIRUNGA — Mas é ligado.

VOVÔ — São Vicente também é ligado a Santos e é outro município com outra Câmara e outro prefeito.

BIRUNGA — E Santo André é grande?

VOVÔ — Basta dizer que pelo valor da sua produção é o (*) 3.º município do Brasil. Em primeiro lugar está São Paulo, em segundo o Distrito Federal e em terceiro Santo André.

PAULO — E Ribeirão Prêto?

VOVÔ — Ribeirão Prêto está em 3.º (*) lugar.

PAULO — Eh, Fredi, **michou,** Ribeirão Prêto.

(*) De acôrdo com a estatística de quando foi tirada a primeira edição dêste livro.

VOVÔ — Outra vez gíria, meu caro Paulo. Faça esfôrço em não usar gíria.

PAULO — Mas, Dr. Antônio, se a gente começa quebrar a cabeça, **enche.**

VOVÔ — Outra vez, Paulo?

PAULO — Bem, vou dar um jeito.

VOVÔ — E você, Birunga, de onde é?

BIRUNGA — Eu sou da melhor terra do mundo.

VOVÔ — E qual é a melhor terra do mundo?

BIRUNGA — Juiz de Fora.

VOVÔ — Então você é de Juiz de Fora?

BIRUNGA — Perfeitamente.

VOVÔ — Uma grande cidade.

BIRUNGA — Juiz de Fora é a "Manchester brasileira".

NEUSINHA — Que é Manchester, vovô?

VOVÔ — Muito bem, Neusinha, você estava caladinha! Pensei até que não estivesse prestando atenção.

VOVÔ — Manchester, minha netinha, é uma grande cidade industrial da Inglaterra.

NEUSINHA — Antes o Sr. falou em vernáculo. Que é vernáculo?

VOVÔ — Vernáculo é o idioma próprio de um país; quer dizer também, genuino, correto, puro. Mas quanto a Juiz de Fora, o Birunga tem razão. Possui Juiz de Fora elevado número de fábricas. E até na cobertura de sua usina hidrelétrica encontra-se esta legenda: "Primeira usina construída na América do Sul". É realmente Juiz de Fora uma grande cidade de Minas Gerais e do Brasil.

BIRUNGA — Grande cidade de Minas, não; a maior cidade de Minas.

VOVÔ — A maior não, Birunga. A maior e melhor é a Capital, Belo Horizonte.

BIRUNGA — Qual nada, Dr. Antônio. A turma de Belo Horizonte diz assim. Mas Juiz de Fora é melhor.

VOVÔ — Que bairrismo exagerado é êste, Birunga. Ninguém pode negar a grandiosidade da simpática e atraente cidade de Juiz de Fora, mas não dizer que é maior do que Belo Horizonte.

BIRUNGA — O sr. falou em valor de produção. Diga, Juiz de Fora não tem mais produção do que Belo Horizonte?

VOVÔ — Não, Birunga, você está enganado. Neste sentido, Belo Horizonte é a 11.ª do Brasil, enquanto Juiz de Fora é a 21.ª. Nada de rivalidades ou presunções provinciais, menino. São tôdas cidades do nosso querido Brasil. E além disso Juiz de Fora e Belo Horizonte ambas fazem parte da terra das alterosas, mas Belo Horizonte é a "princesa das alterosas".

PAULO — Ih! Dr. Antônio, o Birunga está **bufando** de raiva.

CARLINHOS — Por que, vovô, Minas Gerais, denomina-se terra das Alterosas?

VOVÔ — O têrmo alteroso quer dizer: de grande altura, soberbo, montanhoso, grandioso, altaneiro. E assim é Minas Gerais. A própria cidade de Belo Horizonte fica situada a novecentos e vinte metros acima do nível do mar, possuindo um clima salubérrimo, comparado ao das mais famosas cidades suiças de cura. Pela mesma razão é chamado o Estado de Minas Gerais, Estado Montanhês. De rochas cristalinas, constitui o Estado de Minas Gerais um vastíssimo planalto desigual e ondulado, sobressaindo-se a Serra da Mantiqueira, a zona das Chapadas, a cadeia oriental mineira, e as chapadas ocidentais de Minas, possuindo conseqüentemente uma cadeia hidrográ-

fica importante, sendo as bacias principais as do Rio São Francisco, do Paraná e Orientais.

NEUSINHA — Vovô, eu estou triste!

VOVÔ — Por que, meu bem?

NEUSINHA — O vovô perguntou onde nasceu o Paulo, o Fredi e o Birunga e só a mim não perguntou onde nasci.

VOVÔ — Bobinha! Então eu não sou o seu avô? E não sei onde você nasceu?

NEUSINHA — Ah! É verdade. Eu nem me lembrei disso.

BIRUNGA — Dr. Antônio. Papai é de Belo Horizonte e mamãe de Ouro Prêto; e papai tem a mania de dizer que Belo Horizonte e Ouro Prêto foram fundadas por paulistas.

VOVÔ — Eu lhe explico. A relação que há entre Belo Horizonte e um paulista é a seguinte: Em 1701 o descobridor paulista João Leite da Silva Ortiz, fundou ao pé da serra das Congonhas, a quatro léguas das minas de Sabarabuçú, uma fazenda de gado, a que deu o nome de Cercado, denominação esta, comum, naquele tempo, às fazendas de criação. Ao Cercado, chamou-se depois Curral d'El-Rei, em virtude de serem ali pagos os impostos de criação de gado à Fazenda Real. Em 1890 foi novamente mudado o nome para Novo Horizonte, e, depois, Belo Horizonte, sendo o local escolhido para nêle ser construída a capital mineira. Denominou-se então Cidade de Minas, e, voltando, posteriormente o acertado nome de Belo Horizonte.

BIRUNGA — E Ouro Prêto?

VOVÔ — Um mulato paulista de Taubaté acampou na região, onde para matar a sêde mergulhou uma gamela no riacho Tripui, notando ser a água escura

e turva e encontrando no fundo da vasilha uns grãozinhos côr de aço, que imaginou serem de ferro. E chagando a Taubaté, vendeu-os ao bandeirante Miguel de Sousa. Êste, enviou-os ao Governador do Rio de Janeiro que, mandando examiná-lo, verificou tratar-se de ouro finíssimo. Depois de várias expedições, com a chegada do bandeirante Antônio Dias ao Tripui é que se inicia de fato a mineração na capitania. Antônio Dias foi o fundador de Ouro Prêto e a cidade conserva num dos bairros o seu nome.

BIRUNGA — Por que se deu o nome de Ouro Prêto?

VOVÔ — Da côr denegrida do ouro originou-se o nome de Ouro Prêto.

PAULO — E a turma ficou cheia de **gaita,** hem Dr. Antônio!

VOVÔ — Realmente a riqueza, o ouro, é que atraiu bandeiras e bandeirantes pelo interior do Brasil. Das bandeiras resultaram o maior desenvolvimento da terra, a maior extensão do Brasil, como também competições e morticínios. As Minas Gerais desenvolveram-se de tal forma que surgiu o espírito da revolta e da consciência de uma pátria independente em prol da qual sacrificou-se a figura empolgante de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

CARLINHOS — Muito bem, vovô, fale-nos sôbre Tiradentes!

VOVÔ — Amanhã, Carlinhos.

CARLINHOS — Ora, que pena!

TODOS — Até amanhã .

ANTES DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Estão reunidos em casa do Dr. Antônio, com êle, seus netos Carlinhos, Neusinha e seus amiguinhos Fredi, Paulo e Birunga.

VOVÔ — Querem vocês, então, que eu fale sôbre Tiradentes?

TODOS — Queremos.

VOVÔ — Durante os primeiros tempos, no Brasil, vivia-se quase que só à beira-mar. Do sertão tinha-se mêdo: animais bravios, serpentes e índios, apavoravam a todos. Livrada, todavia, a terra de piratas e intrusos, sentem-se fortes os paulistas e organizam bandeiras de penetração. Com isto, tornam o Brasil muito maior do que era, uma vez que o rei da Espanha teve de reconhecer as conquistas que fizeram em terras que de direito lhe pertenciam. Mas não só isso. A descoberta das minas foi um dos grandes resultados da investida bandeirante. E a notícia alvoroçou tôda a gente daqui e de além-mar. E os paulistas que tinham feito o Brasil maior, tornaram-no também mais rico. A ambição do ouro, no entanto, provocou muitas brigas, assassínios, roubos e mortes. Tornou-se mais cara a vida, porque entregues à mineração, ninguém mais cuidava da lavoura. Enquanto os produtos da agricultura vinham de Portugal e França, por preços muito altos, muita gente carregada de ouro, passava fome, não tendo o que

comer. A ambição era castigada! Pessoas mortas pela fome foram encontradas com os bôlsos cheios de ouro! Tão grande e tamanha era a fome de ouro que foi natural a luta entre portugueses e paulistas. Atrocidades inauditas se praticaram como esta que passo a citar:

Acampados os paulistas, cercou-os o cruel e desumano português, sargento-mor Bento do Amaral Coutinho, rompendo-lhes fogo cerrado durante dois dias sem cessar. Não tendo mais os paulistas munições renderam-se sob a garantia de suas vidas. Logo que viu estarem os paulistas desarmados, o sargento-mor, com os seus, cairam sôbre êles, massacrando-os a todos. Trezentos homens foram todos imolados.

CARLINHOS — Que horror, vovô?

VOVÔ — Foi realmente uma cena pavorosa. Ao sítio onde se deu a carnificina chamou-se Capão da Traição.

CARLINHOS — E não havia leis?

VOVÔ — Era a lei do mais forte, a lei da cobiça, do excessivo amor ao dinheiro. E já a Palavra Divina advertiu: "o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males".

A rápida descrição feita pelo Dr. Antônio comoveu às crianças que ficaram por instantes em silêncio. Parecia silêncio de longínqua homenagem aos mortos.

Depois, comovido, Carlinhos falou:

CARLINHOS — Bandidos, réprobos e covardes!

VOVÔ — A sua revolta, meu netinho, procede em tôda linha.

FREDI — Imagine-se, Dr. Antônio, os que assistiram àquela mortandade sem compartilhar com ela. Eu,

por exemplo, assisti horrorizado a um amigo que estava matando outro.

VOVÔ — Não diga isto, Fredi. E você?

FREDI — Não sofri muito tempo não, Dr. Antônio, porque antes dêle acabar de matar eu acordei.

A risada foi geral, depois do que disse.

VOVÔ — Ora, Fredi, nós num assunto tão sério e você nos vem com esta.

FREDI — É que a turma tôda estava muito triste e eu não gosto disso. "Tristezas não pagam dívidas".

VOVÔ — Você não deixa de ter razão.

CARLINHOS — Continue a história, vovô.

VOVÔ — Outro fato doloroso e chocante foi a execução de Filipe dos Santos. Entre os chefes da revolta contra as cruezas do Conde de Assumar avulta a

figura de Filipe dos Santos pela sinceridade dos seus propósitos. E como sói acontecer, por causa mesmo da sua nobreza, foi êle o visado. Enforcaram-no e depois o ataram à cauda de um cavalo para ser arrastado e feito em pedaços. Como Filipe dos Santos não fôsse um especulador, mas um convencido da justiça e um orador fluente e queridíssimo do povo, sacrificaram-no para amedrontar aos demais.

CARLINHOS — Tudo por causa do maldito ouro.

VOVÔ — Tudo. Enquanto no princípio, a luta era entre portugueses e paulistas, depois era entre nossa gente e o govêrno de Portugal. Nas menores coisas, procurava asfixiar-nos. Tinha a coroa de Portugal o maior interêsse em manter-nos pobres para que entre nós não fôsse vitorioso o espírito de independência. Nada podia ser fabricado aqui. Tinhamos que comprar de Portugal não só o azeite, o vinho e as conservas, mas tudo o mais, como tecidos, jóias, e até as salinas não se podiam fazer em nossa terra. De tudo a coroa real tinha o monopólio. E se se plantava um pouco de feijão, a décima parte era do rei. Proibia-se ao lavrador plantar algodão a fim de obrigá-lo a plantar cana de açúcar e vendê-la ao senhor de engenho (português). A quinta parte do ouro era de Portugal. E como êste escasseasse, quiseram obrigar os mineradores a pagar quantia certa o que era impossível. Os filhos da terra não obtinham emprêgos públicos e não tinham o seu lugar no exército. Tudo era privilégio dos portugueses. De como era tratada e explorada a terra brasileira a pouco e pouco foi sopitando o espírito de revolta e de independência.

CARLINHOS — Estou confortado vovô. Vejo que havia maior base para o nosso patriotismo.

VOVÔ — Na verdade Carlinhos, "pelos fins do século XVIII, havia em todo o país um espírito de povo que aspirava a ser nação". Ainda que a imensidão do território dificultasse o concêrto entre populações tão distantes o desejo era latente em tôda parte. Mas em virtude do excesso de abuso contra os homens das minas, é na Capitania de Minas Gerais que se deviam dar as manifestações mais vivas dêsse espírito de independência. Em todos os principais centros de Minas, e, notadamente em Vila Rica, bom número de homens, que se distinguiam pela inteligência e pelas letras, aventam idéias e estudam os problemas atinentes ao futuro do Brasil. Muito dêsses tinham filhos educando-se na Europa. Doze dêles assumem em Coimbra um pacto de aliança em levantar a idéia da independência, logo que voltem ao Brasil. Em Montpellier, na França ,outros jovens concertaram o mesmo plano. Um dêles, José Joaquim de Maia, chegou a avistar-se neste sentido com o grande Jefferson, então embaixador dos Estados Unidos, em Paris. A idéia consubstânciou-se entre três grandes advogados e poetas, em Vila Rica. Eram êles: Claudio Manoel da Costa, Tomaz Antônio Gonzaga e Inácio José Alvarenga Peixoto. Das almas sensíveis dêsses três grandes advogados que se reúnem em encantadoras palestras intelectuais e que tão embevecidos viviam dos seus sonhos de glória literária, surgiu a conspiração.

NEUSINHA — Mas vovô, eu fiquei tão impressionada quando o Fredi disse que viu o amigo dêle matando o outro, por que é que riram?

VOVÔ — Você estava prestando atenção na história de vovô, ou pensando no que o Fredi disse?

NEUSINHA — Mas, por que riram?

VOVÔ — Ora, Neusinha, o Fredi brincou tão sòmente; êle disse que foi um sonho.

NEUSINHA — Ah! Prá que sonhar com uma coisa tão feia.

VOVÔ — A Neusinha está cansada, continuemos amanhã.

CARLINHOS — Mas e o Tiradentes, vovô?

VOVÔ — Não se incomode, Carlinhos, amanhã falaremos sôbre o Tiradente. Até amanhã a todos.

TODOS — Até amanhã.

A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Reunidos o Dr. Antônio, os netinhos e os amigos, começa o

VOVÔ — Aos três idealistas, juntaram-se muitos outros conjurados, tanto em Vila Rica, como em diversos outros municípios da capitania. Entre êles reponta a empolgante figura do alferes de cavalaria de linha, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Parece mesmo que êsse homem era demasiadamente brilhante para o século em que viveu. Os olhos da côrte portuguesa e seus asseclas que por tanto tempo só sabem contemplar a escuridão de seus mesquinhos interêsses, sentem-se ofuscados e temerosos diante do brilho dessa estrêla, e não podendo compreendê-la, procuram destruí-la, tudo fazendo para desviar o seu curso.

CARLINHOS — Que lindo, vovô!

VOVÔ — E Tiradentes, por todos os seus dotes, passa a ser o chefe da revolução.

BIRUNGA — Onde nasceu tiradentes?

VOVÔ — Em São João del-Rei, Minas Gerais.

BIRUNGA — Os pais eram brasileiros?

VOVÔ — O pai dêle, Domingos da Silva dos Santos, nasceu em Portugal, mas entusiasmado pelo Brasil, em quem muito influia a sua espôsa ardorosamente brasileira, Da. Antônia da Encarnação Xavier, neta de um paulista.

PAULO — Tinha êle irmãos?

VOVÔ — Tinha seis irmãos, três homens e três mulheres. Dos homens, dois eram padres e um capitão. Perdeu Tiradentes os pais muito cedo quando ainda não havia completado 7 anos e aprendeu desde então a lutar contra as asperezas da vida.

PAULO — É verdade que o apelido de Tiradentes é porque êle foi dentista?

VOVÔ — Certo. Exerceu várias profissões, entre elas a de dentista.

FREDI — Eu sei. Era um homem **pru-dente.**

VOVÔ — Vendeu fazendas, como mascate, quando viajou até à Bahia. Fêz tudo para conhecer os segrêdos da medicina e tinha largos conhecimentos de engenharia. Demorou-se mais como dentista, havendo sido bom profissional. Como, todavia, fôsse muito abnegado, não cobrando a muitos, pelo seu trabalho, sentindo a miséria dos seus patrícios, abraçou finalmente a carreira militar. Nesta, houve-se muito bem, mas a opressão dos govarnadores portugueses, impediu-o de ir além do pôsto de alferes.

CARLINHOS — É verdade que Tiradentes foi ao Rio para extender a revolução?

VOVÔ — Sim. Para dar mais ênfase ao espírito da revolução. Êle já conhecia a Capital da colônia. E agora, concertado com seus companheiros e conseguida a licença, vai ao Rio e apresenta-se ao Vice-Rei, Luiz de Vasconcelos a quem mostra projetos seus de melhoramentos da cidade. Luiz de Vasconcelos remete os papeis à côrte que se interessa e pede informes. Simulando preocupar-se com êstes assuntos sonda prudentemente os ânimos tanto em meio do público como nos quartéis. É nessa ocasião que passa para Minas o Visconde de Barbacena com

o fim de arrecadar por meio de derramas e excuções tôdas as dívidas em atraso. E o que se queria cobrar ia às raias do absurdo. Imagine-se que de acôrdo com o cálculo da côrte o montante a ser cobrado chegava a 20.000 contos. Quem se der ao trabalho de fazer o cálculo do quanto esta importância representaria hoje, poderá ver que de maneira alguma

seria o povo capaz de tão alto pagamento. E o susto, o desvairo, o espanto e o horror foi tal e tamanho que chegaram ao desespêro de sugerirem um êxodo em massa para o fundo dos sertões onde não alcançasse o pavor da derrama. E se isso não era possível, então, só mesmo a revolução.

CARLINHOS — Se Tiradentes e seus companheiros vissem como depois de tantos anos a vida está difícil em nosso querido Brasil!

VOVÔ — Nós passamos realmente, nos nossos dias, tempos tormentosos.

PAULO — O negócio anda **chato** mesmo

VOVÔ — Você, Paulo, com as suas gírias. Mas como dizia, passamos tempos tormentosos. Dizem alguns que é uma situação internacional. Mas por que no Brasil é onde mais encareceu a vida em todo o mundo? Nós que não fomos atingidos em nossas plagas pelo espectro da guerra? Por que, a Alemanha, por exemplo que tanto sofreu é onde se encontra atualmente a vida mais barata? Por certo que a falta de caráter é o fator preponderante que a isso nos conduz.

FREDI — O meu tio não aguenta mais. E olhe que o meu tio é letrado.

VOVÔ — O seu tio é letrado ?

FREDI — Sim. Êle vive assinando letras!! Risada geral.

VOVÔ — Você, Fredi!

FREDI — A turma lá de Tiradentes queria ir para o fundo dos sertões e meu tio com a vida tão difícil tem vontade de sumir. Lá era o mêdo da derrama e meu tio tem mêdo de um derrame.

VOVÔ — Deixe o seu tio, Fredi, e continuemos a nossa história. É naquele estado de desespero do povo que Tiradentes aparece em Minas, de volta do Rio. E se organiza definitivamente a conspiração. Entre outros, assegurou-se o valioso concurso do chefe da fôrça pública, o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. A entrada dêsse elemento na conjuração deu-lhe a garantia de vitória. E no mais, a ajuda da França e dos Estados Unidos no momento em que se levantasse o grito da independência. E bastava que se proclamasse a separação em Minas, a ela juntar-se-iam Rio de Janeiro e São Paulo.

Quando isso acontecesse o resto da colônia romperia os laços que a prendiam a Portugal.

O símbolo da república seria um gênio despedaçando grilhões. A bandeira seria tôda branca, e nela, por proposta de Tiradentes, inscrever-se-ia como lema parte de um verso de Vergílio, da primeira écloga, **Libertas quae sera tamen,** palavras latinas que significam liberdade ainda que tardia. A capital da república seria São João del-Rei em homenagem a Tiradentes. A ocasião de deflagar o movimento seria o lançamento da derrama. O aviso seria dado por meio da senha: **tal dia é o batizado.** Confiscar-se-iam para o Estado todos os valores existentes no erário declarando-se extintas as dívidas dos contribuintes em atraso. Seriam livres os produtos das lavras. Fundar-se-iam fábricas de todos os produtos vindos da metrópole. Teriam direito de proteção especial do Estado todos os pais que tivessem mais de cinco filhos. Criar-se-iam escolas; abolir-se-ia a escravidão; seriam instaladas a casa da moeda, fábrica de pólvora, de ferro, além de outras; se descoberto o movimento, todos negariam; a Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, era entregue a maior parte do risco, provocando êle no momento do levante, motins em Vila Rica e arredores, percorrendo as ruas da cidade em vivas à liberdade; o comandante Francisco de Paula Freire de Andrade sairia com sua tropa como se fôsse combater os revolucionários e faria causa comum com o povo e Tiradentes seguiria para Cachoeira do Campo e prenderia o Governador.

NEUSINHA — Vovô, eu estou com dó do tio do Fredi. O sr. não quer emprestar um pouco de dinheiro para êle?

VOVÔ — O tio dêle não precisa mais não é Fredi? já arranjou.

FREDI — Já sim. Êle já arranjou.

NEUSINHA — Mas por que você não falou! Eu fiquei com tanta pena dêle?

VOVÔ — Bem, bem, vamos continuar amanhã, pois estou vendo que a Neusinha está cansada.

CARLINHOS — Que pena, vovô.

VOVÔ — Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

INCONFIDÊNCIA MINEIRA

(Continuação)

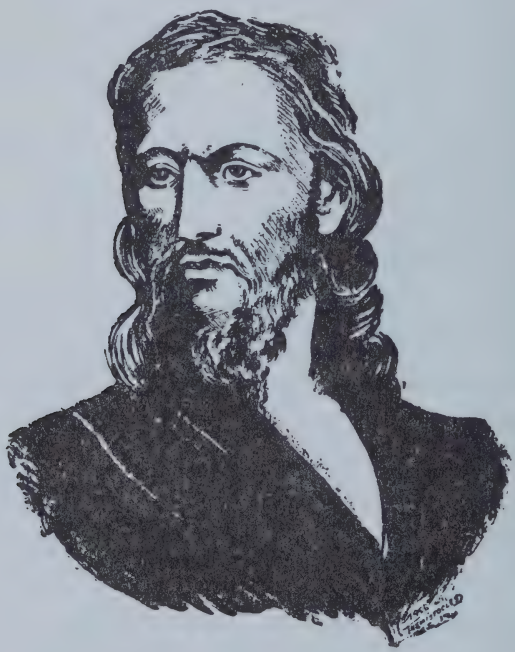
Reunidos novamente em casa do Dr. Antônio, com êle, os netos e os amigos.

VOVÔ — Continuemos a inconfidência. Tudo preparado, de acôrdo com os companheiros, resolve Tiradentes voltar ao Rio com o fim de levantar essa população ao mesmo tempo que a de Minas.

Entre os inconfidentes figurava a pessoa do Coronel Joaquim Silvério dos Reis de tão negro nome em nossa história. Tornou-se adepto da revolução conduzido pelo padre Carlos de Toledo. Joaquim Silvério dos Reis, português, ardiloso e aventureiro, devia a vultosa soma de 220 contos à fazenda pública. Como o Visconde de Barbacena lhe exigisse o pagamento da dívida passou-se de braços abertos para os revolucionários. Mas, senhor de tôdas as minúcias dos planos da revolução viu numa denúncia ao gogêrno português o perdão da sua dívida e a sua ascenção política. E o Visconde conseguiu por escrito a delação feita por Silvério dos Reis. Houve mais dois delatores, amigos de Silvério dos Reis, de pouca importância.

Tratou Barbacena de suspender a derrama. E enviou em seguida Silvério dos Reis ao encalço de Tiradentes e ao mesmo tempo, por intermédio do traidor, ofícios para o Vice-Rei Luiz de Vasconcelos.

Tiradentes, no Rio, começou logo a perceber que andava sendo seguido e vigiado. Razão porque ocultou-se numa casa na rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias. Preparava-se para sair da cidade quando patrulhas do Vice-Rei orientadas por Silvério prenderam-no com grande aparato de fôrças, metendo-o num calabouço da ilha das Cobras.



Ao mesmo tempo, em Vila Rica, Barbacena prendia outros chefes da abortada conspiração.

A maioria, no entanto, em meio das aperturas, esquecida da grandiosidade da causa, acusa-se mutuamente, cada um com o fito de salvar a sua própria pele.

Entre os heróis de Minas Cláudio Manoel da Costa foi o primeiro sacrificado. Mataram-no para

depois espalharem a deslavada notícia de que êle suicidou-se. Muito sofrera com isto uma senhora de grande elevação moral, sua espôsa, D.ª Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira.

Tiradentes que fôra prêso no dia 10 de maio de 1789, padeceu, de masmorra em masmorra, até a sua execução final. Vivia de pés e mãos ligados por pesada corrente, segregado de todos e curvado pela fome.

De muitos foi comutada a pena. Quantos, ao ouvir a substituição da pena de morte para degrêdo perpétuo e outros vendo-a mais ainda atenauda beijam as mãos dos oficiais. Tiradentes, além de tôda a dor que sofria, pouco antes da sua execução a tudo isso assiste serenamente. E ao vestir a túnica com a qual iria ao sacrifício tira também a camisa dizendo ter morrido assim Jesus. A única coisa que pediu foi que lhe abreviassem a execução. Mas isto lhe foi negado pois o frei José Maria do Destêrro improvisando uma longa prática, em nome da religião, desta maneira prolongou-lhe a angústia. Depois, ainda rezou o credo dos apóstolos. E então em meio de todo o aparato bélico assassinam a Tiradentes no dia 21 de Abril de 1792 debaixo do grito da multidão abafado pelo rufo dos tambores.

CARLINHOS — Está Tiradentes no coração de todo brasileiro não é, vovô?

VOVÔ — Perfeitamente. No coração de cada brasileiro que se preze a si mesmo.

PAULO — Eu estou até arrepiado.

VOVÔ — Enganados encontravam-se os seus algozes imaginado acabar com a morte de Tiradentes o espírito de nacionalidade da nossa gente. Êle lançou a semente. Esta medrou e deu fruto.

Trinta anos depois era proclamada a nossa independência. A estrêla de Tiradentes brilhou. Equivocaram-se fragorosamente os que imaginaram ter desviado o seu curso. Êle cumpriu a sua missão.

Verdade é que o nosso povo está livre como nação mas nem sempre livre da iniquidade. Nem sempre vemos caráter, integridade, vergonha, educação. Como seria bom se todos tivessem os seus olhos, as suas almas e os seus corações voltados para Jesus de acôrdo com o exemplo de Tiradentes.

BIRUNGA — Ouvindo-o, parece-me estar ouvindo papai, Dr. Antônio.

VOVÔ — Aprecio as suas palavras, Birunga. No se esqueça nunca de prezar, respeitar e amar os seus pais. Quem não ama os pais também não ama a sua pátria. Um dos sintomas de caráter mal formado é não amar seus pais e a terra onde nasceu. Quantas vêzes a mãe e o pai não dormem, em vigília, em torno do leito do seu filhinho enfêrmo e vendo-o salvo oram a Deus para que a sua vida compense os sacrifícios dos pais, não se enveredando por caminhos escusos do despundonor, da mentira, da falsidade e da vergonha. Deus os abençôe, meus netos e meus amiguinhos. Que Tiradentes lhes seja um exemplo.

FREDI — Dr. Antônio, eu o ouvi hoje com mais alegria ainda. Vou narrar aos meus pais o que aqui ouvi.

VOVÔ — Muito bem, Fredi. Agora, até amanhã a todos vocês.

TODOS — Até amanhã.

O LEÃO

Encontram-se reunidos o Dr. Antônio, seus netinhos e os amigos de seus netos.

Quem primeiro fala é a

NEUSINHA — Ih! vovô, ontem papai e mamãe levaram-nos ao circo e eu fiquei com mêdo do leão e do tigre e o Carlos nem ligou.

VOVÔ — Estavam na jaula, portanto você não deveria ter mêdo.

NEUSINHA — Mas faziam uma cara feia para o domador! Vovô, o leão é mesmo o rei dos animais?

VOVÔ — É sim, minha netinha.

NEUSINHA — Por que, vovô?

VOVÔ — Possue o leão enorme fôrça nas suas garras e nos seus dentes. Além disso, a patada do leão é uma das coisas mais violentas do mundo.

NEUSINHA — É vovô!?

VOVÔ — É sim. As três pancadas mais fortes dos animais são: A rabanada da baleia, o coice da girafa e a patada do leão. Mas a patada do leão é pancada mais forte de tôdas.

NEUSINHA — Eu é que não quero saber de histórias com o leão.

VOVÔ — Além disso o seu rugido é poderoso, alto e profundo, infundindo pavor aos homens e aos outros animais.

NEUSINHA — Onde é que há leões, vovô?

VOVÔ — Na África e na Índia. Na África existem em abundância, mas na Índia é até atualmente proibida a caça os leões por serem raros nos nossos dis.

CARLINHOS — De que forma, vovô, o leão ataca os animais?

VOVÔ — O leão sai sem ruído, da sua caverna, à noite, rastejando em direção à prêsa e salta sôbre ela.

FREDI — E aí então é que vem a patada.

VOVÔ — Perfeitamente.

FREDI — Imagine dr. Antônio. Faz mais ou menos uma semana um conhecido nosso em Vila Mariana levou um tapa e foi em casa buscar seu revólver para atirar-lhe. E se fôsse um tapa de leão?

VOVÔ — Não teria oportunidade de pensar no revólver.

CARLINHOS — O leão ataca sempre o homem?

VOVÔ — Não. Ocasiões há em que passa pelo homem sem atacá-lo. O homem é o único ser que infunde respeito ao leão, mas quando experimenta a carne humana, toma gôsto, pois prefere a carne humana a qualquer outra.

BIRUNGA — Que horror!

CARLINHOS — O leão sai sempre sem ruido da caserna?

VOVÔ — Não: Às vêzes ao sair solta rugidos aterradores, com o que parece chamar a atenção para a sua fôrça, lançando ao mesmo tempo um grito de provocação.

PAULO — Que danado, hem! E depois?

VOVÔ — Encaminha-se em seguida para um regato, e após saciar a sêde, se não se encontra esfomeado, continua rugindo; do contrário, conserva-se quieto, à espera de outro animal, que também ali vá beber. Quando êste passa, dá a sua terrível patada, matando-o.

PAULO — É astuto o bandido ! Quando chega o bicho êle fala. **Tá pra mim. E bumba meu boi.**

VOVÔ — E não fica neste pormenor a sua maneira de apanhar caça. Nos lugares onde há rochedos, o leão oculta-se e quando passa o animal faz a sua investida.

CARLINHOS — E onde não existem rochedos?

VOVÔ — Nos lugares de planície, como nem sempre o leão é quem mais corre, ajuntam-se dois leões; um deita-se e esconde-se, enquanto do outro lado o segundo leão avança, correndo os animais espavoridos em direção do primeiro; aí encurralados, os dois leões distribuem patadas, matando com cada patada um animal, conseguindo desta forma repasto para êles e seus companheiros.

CARLINHOS — Ué, vovô, então os leões se entendem? Eles falam?

VOVÔ — Os leões e todos os animais não falam como nós, mas entendem-se. Os animais têm a sua linguagem. Cada animal de acôrdo com a sua espécie e a seu modo comunica os seus sentimentos, necessidades e sensações. O leão por exemplo ruge ou para ate-

morizar a prêsa, ou para incitar os outros leões ao combate; mas quando os machos dirigem-se às fêmeas, fazem-no por meio de um doce grunido ou afável brumido.

FREDI — Sossega leão!

CARLINHOS — Então os leões são conquistadores?!

VOVÔ — Todo animal o é. Os leões por exemplo conquistam as leôas pela luta com outros leões. O leão vencedor é respeitado e dono da leôa.

PAULO — E um leão conquista muitas leôas?

VOVÔ — Não. Neste ponto o leão dá exemplo a muitos homens. O leão é monogâmico; só ama uma leôa.

NEUSINHA — Que é monogâmico, vovô?

VOVÔ — Monos quer dizer um só. Assim monogâmico o que costuma ter uma só mulher. Do mesmo modo, monógamo é o que tem uma só espôsa, ou é o animal que se acasala com uma só fêmea.

CARLINHOS — Acasala ou casa?

VOVÔ — Usa-se o verbo acasalar ou casalar, principalmente quando se trata de animais. Acasalar é reunir macho e fêmea para criação. Também significa ajuntar, misturar, reunir, emparelhar; e casar é unir por casamento; a não ser quando se emprega no sentido de unir, combinar, ligar.

FREDI — Quer dizer que quando o João e a Maria não se unem por casamento no civil, mas simplesmente se reunem, se misturam, se ajuntam, êles não casaram, mas se acasalaram, não é Dr. Antônio?

VOVÔ — Você não deixa de ter razão.

PAULO — Êsse negócio de casar e acasalar está me **enchendo!**

VOVÔ — Você com as suas gírias enche as medidas, Paulo.

FREDI — Êle já foi feito assim nessa medida. Não toma jeito mesmo.

PAULO — Olhe lá Fredi, que eu viro um leão e lhe dou uma patada.

CARLINHOS — Vovô, você disse que o leão sai da caverna à noite. Só à noite?

VOVÔ — Para caçar, só à noite. Durante o dia êle dorme. Mas de quando em quando o leão acorda durante o dia e sai com o seu porte garboso a passear com a leôa e os filhotes.

CARLINHOS — Como deve ser imponente, vovô.

VOVÔ — De fato é um belo espetáculo. Falamos hoje sôbre os leões e amanhã lembraremos outros animais. Está bem?

NEUSINHA — Ara, vovô, hoje sou eu quem quer mais. Continue vovô.

VOVÔ — Então vou contar-lhe uma história, a propósito dos leões.

NEUSINHA — Que bom, vovô!

VOVÔ — Certa vez um dono de circo abordou a um mendigo que encontrou na rua, dizendo: — você quer ganhar cinqüenta cruzeiros? — De que forma? respondeu o mendigo. Ao que replica o proprietário do circo. Trata-se do seguinte: eu anunciei para o espetáculo de hoje várias atrações, entre elas a apresentação de um leão e de um tigre. As entradas estão quase tôdas vendidas e o tigre morreu. Tirei-lhe a pele e parece que a pele serve direitinho em você. Quer fazer o papel de tigre? — E o mendigo: mas como? Ficar perto do leão? — E o homem do circo: não tenha mêdo; o leão estará na outra jaula. Lá foi o mendigo, que, trenado pelo domador, apareceu à noite, debaixo da pele do tigre, como se tigre fôsse. O domador, com o peito repleto de me-

dalhas, estala o chicote no ar, enquanto o tigre rosna impertinente. Mas, de um momento para outro, o domador abre a jaula onde se encontrava o leão. O tigre amedrontado, afasta-se para o canto da jaula, encaminhando-se para o lado do homenzinho tigre. Êste tremia como vara verde. O leão, imponente, passa perto dêle e segreda-lhe ao ouvido: como é amigo, você também está ganhando cinqüenta cruzeiros?

FREDI — **Batuta,** Dr. Antônio; gostei desta.

PAULO — **É da virada!** (Todos riam bastante).

VOVÔ — Além do lado cômico do que lhes contei, desejo ressaltar o seguinte: há muito mendigo por aí, com pele de tigre, porém, com mêdo quando aparece o leão. Mas não sabe que, não precisa arreceiar-se, pois quase sempre o leão também não é leão.

BIRUNGA — Excelente lição, Dr. Antônio.

CARLINHOS — De muito proveito.

VOVÔ — A todos vocês até amanhã.

PAULO — Até amanhã, não. Amanhã é domingo.

VOVÔ — Muito bem. Até segunda feira.

TODOS — Até segunda.

O TIGRE E OUTROS CARNÍVOROS

Reunidos novamente o vovô, seus dois netinhos e os três amiguinhos.

VOVÔ — Passaram bem o domingo?

PAULO — Eu passei um dia do outro mundo.

BIRUNGA — Disseram-se, Dr. Antônio, que o tigre tem tanta fôrça como o leão. É verdade?

VOVÔ — Tem razão quem lho disse.

BIRUNGA — Mas o senhor não afirmou que, de fato o leão é o rei dos animais?

VOVÔ — Perfeitamente. Há um fator além dêsse que lhe informaram e que parece ainda mais igualar o tigre ao leão. E é que o tigre é ainda mais feroz, mais astuto e mais cruel do que o leão, matando freqüentemente sem ter necessidade de devorar a prêsa, sem fome. E como acontece com o leão, que mais gosta da carne humana, o tigre tendo uma vez provado a carne humana, vive sempre à cata do homem para matá-lo. E quando o tigre encontra-se velho e ferido, sem poder acometer mais os animais selvagens, procura a caça nos rebanhos, devorando carneiros e pastor.

BIRUNGA — Então o tigre é o rei.

VOVÔ — Em absoluto. O rei não é o mais mau; pelo menos não deve ser. E o rei em geral é o que possue mais fausto, mais imponência, mais garbo. O tigre não tem a juba que tem o leão; juba esta que dá ao

leão a majestade de rei. À juba junta-se o rugido. E a êstes fatores alia-se a sua fôrça que se é igualada pelo tigre, não é por êle superada. Por tudo o leão é mais respeitado pelos outros animais e também pelo homem. E mais apreciado pelo homem do que o tigre, justamente por não possuir a crueldade do tigre.

BIRUNGA — E a maior crueldade do tigre tem mesmo sido provada, Dr. Antônio?

VOVÔ — Vou dar-lhes um exemplo bem recente. Trata-se de uma notícia trazida pela "Fôlha da Tarde", aqui de São Paulo. Enquanto o domador, dentro da jaula, apresentava ao público de um circo as suas perícias, escorregou-se. Um tigre imediatamente salta sôbre êle para atacá-lo. Uma leôa, interpõe-se salvando o domador.

BIRUNGA — De fato é uma prova que nos faz ter simpatias para com a leôa.

VOVÔ — E não ficaram nisso as informações que nos chegaram. Poucos dias depois, o mesmo jornal, dá a público outra nota telegráfica: o tigre, traiçoeiramente vingou-se da leôa, matando-a. Vê? Pela frente, quando a leôa defendeu o homem, não teve coragem, mas depois aproveitou-se da distração da leôa para descarregar o ódio da sua crueldade.

CARLINHOS — Assim fazem muitos homens, não é vovô? Assacam sempre pelas costas.

FREDI — O tigre também vive na África?

VOVÔ — Não. Não existe tigres na África.

FREDI — Eu pensei, por causa dos seus negros sentimentos.

VOVÔ — Encontra-se o tigre em quase tôda a Asia, especialmente na Índia.

BIRUNGA — Então o tigre nada tem de bom?

VOVÔ — Tudo neste mundo, por pior que seja, possue algo de bom. O tigre não evidencia só maldade. O tigre domesticado mia para chamar a atenção do domador e ronca de contentamento quando êle lhe responde.

NEUSINHA — Então o tigre fala como o gato.

VOVÔ — É interessante a expressão do tigre quando quer ser atendido. Um é o som do tigre quando quer água e outro quando quer alimento.

NEUSINHA — **Gozado!**

VOVÔ — Como mencionamos dois animais carnívoros, o leão e o tigre, lembraremos ligeiramente outros carnívoros.

PAULO — Quais?

VOVÔ — Entre êles o leopardo que sobe às árvores e lança-se sôbre as vidas humanas e animais que passam por baixo. Também o leopardo ataca pelo prazer de fazer mais uma vítima, assim como o gato brinca com o rato antes de o matar.

BIRUNGA — Da família do tigre e do leão são os espécimenes da América, denominados onças, no Brasil,

como o jaguar e o puma; ambos trepam às árvores e como os demais felinos atacam à noite.

CARLINHOS — Que quer dizer felino, vovô?

VOVÔ — Felinos ou felídeos são os mamíferos carnívoros, digitígrados, de unhas retráteis, que têm como tipo, o gato. Figuradamente significa fingido, traiçoeiro.

NEUSINHA — Ih! vovô. Que atrapalhada que o senhor disse aí: digitígrados, retráteis. O que é que é isso?

VOVÔ — Digitígrado é o que anda nas pontas dos dedos, e, retrátil é o que se retrai ou se pode retrair. Diz-se unhas retráteis assim voltadas como as do gato.

NEUSINHA — Cada nome difícil que arranjam, vovô!

VOVÔ — Falavamos sôbre o jaguar e o puma. O puma possui uma qualidade própria: tem um gôsto especial pela carne do cão e mesmo quando domesticado não pode ver um cão sem o perseguir e o matar.

NEUSINHA — Vovô, aquêle casaco de pele de mamãe é de marta. Também é animal carnívoro?

VOVÔ — Também. E por sinal é inimiga das galinhas e patos.

BIRUNGA — Ah! Então é como a rapôsa?

VOVÔ — Precisamente. As rapôsas, perigosas, atrevidas, crueis e astutas, moram em buracos e atacam de preferência as aves domésticas.

PAULO — Disseram-me que é fácil a sua caça.

VOVÔ — Realmente. Por onde passam as rapôsas deixam um forte cheiro que fornece a necessária pista aos cães que vão ao seu encalço.

FREDI — Sabe do que isso me fêz lembrar, Dr. Antônio?

VOVÔ — Vem você de certo, com uma das suas, não é?

FREDI — Mas o senhor vai gostar.

VOVÔ — Diga.

FREDI — Em certa ocasião um senhor idoso visitando

uma residência era observado pelo filho da dona da casa. Quando o homem saiu, disse o menino: mamãe, eu não compreendi por que a senhora tratou tão bem àquele homem. Êle estava com uma roupa esquisita e até com mau cheiro. Ao que a mãe respondeu: coitado dêle, meu filho. Foi professor da mamãe. É um homem que estudou muito e não cuidou de si mesmo. É um homem dedicado à filosofia. E o menino; hum! filosofia! Três dias depois, passeando com a mãe e passando perto de uma carroça de lixo, diz o menino: hum, mamãe, que cheiro de filosofia!

PAULO — **Formidável,** Fredi. Agora já não lhe dou mais a patada do leão.

Enquanto falava o Paulo, todos ainda se riam da anedota do Fredi.

BIRUNGA — Foi bom falar no cheiro da rapôsa. Vou contar esta da filosofia em casa. E minha mãe abre uns olhos, quando estou contando estas coisas!

VOVÔ — E sua mãe tem belos olhos.

BIRUNGA — E enxerga longe.

VOVÔ — Então você pode dizer que ela tem olhos de lince.

PAULO — Que quer dizer olhos de lince?

VOVÔ — Que enxerga tão bem como o carnívoro chamado lince que também trepa às árvores e que por sinal também possue belos olhos.

FREDI — O urso também ataca o homem?

VOVÔ — Como não? Apesar de alimentar-se principalmente de focas e baleias mata e devora o homem.

FREDI — Eu logo vi; o amigo urso.

VOVÔ — Você não perde ocasião.

CARLINHOS — O urso também trepa às árvores?

VOVÔ — O urso branco não trepa, mas os ursos prêtos e castanhos trepam às árvores.

FREDI — O branco é sempre mais alinhado.

VOVÔ — Você hoje embirrou com as côres, Fredi!

CARLINHOS — Os lôbos também atacam o homem?

VOVÔ — Atacam, principalmente, quando, como quase sempre andam, em alcatéias.

PAULO — Que é alcatéia?

VOVÔ — Alcatéia é o nome que se dá a uma reunião de lôbos. E os lôbos caçam reunidos em grandes bandos, que como lhes disse, chamados alcatéias.

CARLINHOS — É verdade que há cães selvagens?

VOVÔ — Há sim. Os cães selvagens no Oriente comem tudo quanto encontram durante à noite. E o chacal faz o mesmo na Índia. É um animal vil que segue o leão e o tigre, regalando-se com os restos por êstes deixados de suas vítimas.

PAULO — Então é por isso que um amigo de papai falando de outro, disse que êle é um chacal.

VOVÔ — Costuma-se figurar os homens com as qualidades de certos animais.

CARLINHOS — É verdade que a hiena faz o papel de urubu?

VOVÔ — Realmente. Pois por onde passa não deixa nem os ossos. A fôrça dos dentes da hiena é terrível. Quando falta alimento nas selvas descem as hienas nas povoações onde comem tudo quanto encontram. Uma hiena ataca um boi e come até os últimos ossos sem deixar vestígios da vítima. À noite reunem-se as hienas em bandos para a caça e para o roubo. Mas por hoje chega, não é?

NEUSINHA — Chega, vovô.

CARLINHOS — Um pouco mais, vovô!

VOVÔ — Não, a Neusinha está cochilando. Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

ELEFANTES, CAVALOS E CÃES

NEUSINHA — Sabe vovô, quando fomos ao circo, o de que eu mais gostei foi do elefante. Puseram uma menininha deitada no chão, o elefante passou por cima e não pisou na menina.

VOVÔ — O elefante é o maior animal conhecido, mas nenhum o iguala no afeto e lealdade para com as pessoas.

NEUSINHA — É o mais alto de todos os animais?

VOVÔ — O animal mais alto é a girafa. O elefante é o maior, o mais volumoso. Mas apesar do seu volume e do seu enorme pêso quando uma índia ausenta-se de casa o elefante toma conta da criança. Possue o elefante, contudo, prodigiosa memória, lembrando-se sempre dos benefícios que recebe e nunca perdoando as ofensas.

CARLINHOS — Onde existem elefantes?

VOVÔ — Os maiores elefantes habitam na África, mas na Índia é que costumam domesticá-lo.

PAULO — E o elefante não briga com o leão?

VOVÔ — Muita vez o elefante é atacado pelo tigre e pelo leão, mas com os dentes fere-os.

BIRUNGA — Os dentes do elefante são tão fortes assim?

VOVÔ — Fortíssimos. São de marfim e um só dente pesa até cem quilos. Com êles fabricam-se estátuas, bolas de bilhar e peças de xadrez.

CARLINHOS — E os elefantes vivem também em bandos?

VOVÔ — Vivem. Os grandes bandos de elefantes são compostos de grupos de famílias, compreendendo para cada macho oito fêmeas.

NEUSINHA — Ara!

CARLINHOS — E os elefantes vivem muito?

VOVÔ — Vivem até cento e cinqüenta anos. Os filhos quando nascem têm um metro de altura. São adultos pelos vinte anos, mas podem reproduzir a espécie desde os 16.

NEUSINHA — É engraçado como êle pega com a tromba um homem e o põe em cima dêle.

VOVÔ — O elefante faz coisas admiráveis com a tromba. Com ela apanha objetos bastante pesados e com ela levanta do chão uma agulha.

BIRUNGA — Será possível, Dr. Antônio, levantar uma agulha com aquela coisa tão grossa?

VOVÔ — Levanta uma agulha. É admirável que tenha tato para tanto! Com a tromba leva alimento à bôca e com a tromba bebe água.

NEUSINHA — Sabe o que reparei vovô? Os elefantes são tão grandes e têm olhos pequeninos!

VOVÔ — Realmente. Têm olhos muito pequenos, mas são dotados de uma admirável vista.

FREDI — Olhos de lince?

VOVÔ — Não. Olhos de elefante. E possue o elefante também um excelente olfato.

CARLINHOS — O elefante é muito útil ao homem, vovô?

VOVÔ — Bastante útil. É o elefante um animal vigoroso, muito inteligente e entre outras coisas é utilizado freqüentemente na Índia para o transporte de pessoas em seu dorso.

CARLINHOS — De que se alimenta o elefante?

VOVÔ — É herbívoro. Alimenta-se de feno, ervas e cereais.

NEUSINHA — Vamos comprar um, vovô?

VOVÔ — Não é possível minha netinha. Além de custar muito caro êle necessita ingerir tão grande porção de alimento para conservar o seu vigor que o seu sustento ficaria por um preço fabuloso. E bebe tanta água!

NEUSINHA — Que pena!

FREDI — É aquela água!

NEUSINHA — O vovô não pode comprar o elefante. Quem sabe quando crescer eu compro.

VOVÔ — Quando você crescer vai pedir ao marido comprar-lhe uma boa pulseira e um bom colar.

NEUSINHA — Ah! Eu tenho uma pulseira.

CARLINHOS — Diga-me uma coisa vovô: faz muito tempo que o elefante presta serviços ao homem?

VOVÔ — Quando não havia estradas de ferro, automóveis, ônibus, caminhões e outros meios de transpor-

tes, prestavam ainda muito mais serviço do que agora, os cavalos, burros, lhamas, renas, yacks, búfalos, elefantes e camelos.

PAULO —Sinceramente, o cavalo que é nosso, e agora o elefante que o senhor explicou, eu sei, mas os outros que o senhor falou, eu não sei de nada a respeito dêles.

VOVÔ — Você disse, o cavalo que é nosso, e tem razão, mas não foi sempre nosso. Não existiu sempre na América.

PAULO — Não?

VOVÔ — Não. Os cavalos procedem da Europa. Quando da invasão do México, por Fernando Cortez, pasmaram-se os seus habitantes ao verem cavalos.

BIRUNGA — Eu gosto muito de andar a cavalo. Lá em Minas, na fazenda do meu tio, eu tenho um cavalo. E parece que êle nos conhece, quando chego lá. Eu gostaria de saber se êle me conhece mesmo.

VOVÔ — Conhece sim, Birunga. É o cavalo um animal muito afetivo. Com os relinchos os cavalos entendem-se entre si e se esforçam por serem entendidos pelos homens.

PAULO — Eu conheci um cavalo que abria porteira.

VOVÔ — Alguns o fazem. Em tôda espécie há sempre uns mais inteligentes e espertos do que outros. Os cavalos são, no entanto, todos muito inteligentes; e bem tratados, afeiçoam-se aos seus donos.

FREDI — Dr. Antônio, posso contar uma?

VOVÔ — Como não, Fredi? Pode vir com a sua.

FREDI — Numa cidade em Minas, lá na terra do Birunga...

BIRUNGA — Mas não vai mexer comigo!

FREDI — Esteja sossegado. Como dizia, numa cidade de Minas deu-se o seguinte fato: — foram presos e

levados à delegacia ao mesmo tempo um moço de boa aparência e um sírio. O delegado argüiu primeiro ao moço: — Por que o senhor roubou o cavalo? Ao que o moço deu a seguinte resposta: — Dr., eu tinha fortuna e era fazendeiro. Perdi, de repente, tudo o que possuia. Precisei vender, para salvar o meu nome, as coisas que me restavam. O que por último vendi foi o cavalo. Isso por que eu o criei desde potrinho e lhe tinha bastante estima e o cavalo também gostava muito de mim. Havendo-o criado desde potrinho foi com o maior pesar que me dispus dêle. Hoje, felizmente, a fortuna sorriu-me novamente e eu tenho ainda mais dinheiro do que antes. Era natural que procurasse reavê-lo. Procurei-o a fim de comprá-lo de novo. Ao novo proprietário ofereci o dôbro da importância pela qual o vendi. O sujeito sabendo que eu gostava muito do animal negou-se a vendê-lo a mim. Ofereci-lhe o triplo. Não quis. O quádruplo. Rejeitou ainda. Ofereci dez vêzes mais o seu valor. Nada demoveu o propósito do homem. Estava firme em sua crueldade. Foi assim que resolvi pegar o animal de minha estima de qualquer maneira. O delegado que era homem sentimental aprovou o ato do jovem e mandou-o embora. Em seguida chamou o sírio que presenciara o diálogo entre o moço e o delegado. Como é: então você, um sujeito forte dêsse, teve coragem de roubar uma espingarda? Ao que o sírio respondeu: **fala bru cê doctor,** eu criei esta espingarda desde garruchinha dêste tamanho assim. (A risada foi geral. O Carlinhos riu a valer).

VOVÔ — Olhe, Fredi, vale a pena você interromper de quando em quando as nossas histórias para contar as

suas. Com elas as nossas reuniões torinam-se mais agradáveis.

FREDI — Muito obrigado.

CARLINHOS — Mas o cão é o animal mais amigo, não é?

VOVÔ — Do cão todos lhe conhecem a amizade. É um animal verdadeiramente dedicado ao homem. E é por sua vez um animal muito inteligente também. Os cães exprimem-se pelos modos, gestos, pulos, expressões, movimentos da cauda e pelas maneiras de ladrar, ganir e uivar. Tem-se a impressão muitas vêzes que êle quer falar.

BIRUNGA — Há uns mais inteligentes do que outros, não Dr. Antônio?

VOVÔ — Por certo. E muitas vêzes, isso se revela de acôrdo com o trato que recebe. Os cães dos grandes centros diferenciam-se dos cães dos lugarejos e fazendas. Vou dar-lhes dois exemplos de minha observação: — aqui em São Paulo, assisti a um quadro que me chamou a atenção; isso foi na Avenida Celso Garcia: — os automóveis, bondes, ônibus corriam pela avenida. Um cachorro, vi eu, queria atravessar. Porte imponente, cabeça erguida, estava parado na calçada. Quano diminuiu o movimento e só quando diminuiu muito mesmo o trânsito, e que êle atravessou a rua, sem correr, pausadamente, numa imponência que nada parecia de um simples cão.

PAULO — Formidável!

VOVÔ — Agora o outro caso: viajava eu por algumas cidades da Sorocabana, em nosso Estado de São Paulo. Em Cerqueira Cesar tomei um automóvel. Cães encontravam-se deitados nos meios das ruas. Quando o automóvel passava, aqui, ali e acolá, os cachorros não se levantavam. O automóvel é que

tinha de desviar-se dêles, pois não tomavam conhecimento.

PAULO — Que bandidos hem!

FREDI — Ah! Isso também era cachorrada!

VOVÔ — Tem razão.

BIRUNGA — Há muitos tipos de cães, não Dr. Antônio?

VOVÔ — Muitos. E as suas atividades variam de acôrdo com a espécie: o cão de Terra Nova, que é belo e grande, é excelente nadador e nada e mergulha com prazer. É empregado no salvamento aos náufragos. O cão de São Bernardo, também bonito e alto, é célebre pela sua abnegação. Nos dias de vendaval e gelo nos Alpes procura os caminhantes sepultos em baixo das neves e ao encontrá-los ladra até aparecer socôrro aos seus chamados caninos. O cão de água aprende a fazer inúmeras habilidades. São êsses cães que se encontram nos circos, cassinos e outras casas de diversões a apresentarem variados malabarismos e até cálculos matemáticos. O perdigueiro, imponente cão de caça, quando vê uma ave ou outro animal, fica imóvel até chegar o dono. O cão de gado, corpulento e valente, luta corpo a corpo com o lôbo e o vence. O galgo, esbelto, é empregado na caça das lebres e é o cão mais egoista, que com menos prazer recebe os afagos. Os cães de trela, ou corredores, como os basset, fox-hounds e fox-terriers possuem um faro extremamente sensível. São cães de pequeno porte, mas de grande utilidade. Os sabujos, de poderoso olfato e valor e que nunca perdem a pista são por isso atualmente usados nas polícias de diversos paises para a perseguição de malfeitores. Muitas qualidades ainda existem de cães, como os rateiros, chineses, esquimós, lapônios, da Sibéria, da Pomerânia, havaneses e outros.

Tôdos têm as suas agradáveis experiências com os cães, em tôda parte, nas grandes cidades, pequenas, como nos sítios e fazendas. Quanta alegria sentem os caboclos, ao serem recebidos, cada vez que chegam em casa, pelos cães, em tôda a demonstração de afago, com os seus grandes pulos e expressões.

BIRUNGA — Que pena que o papai não me deixa ter um em casa.

VOVÔ — A fidelidade dos cães é tão expressiva que o notável poeta português Guerra Junqueiro dedicou-lhes uma poesia sob o título Fiel.

PAULO — É uma poesia **bacana.** Minha irmã sabe-a tôda de cor.

VOVÔ — Parabens à sua irmã. Todos devem conhecer essa poesia. Creio que por hoje podemos terminar.

CARLOS — Não vovô, continúe.

VOVÔ — Aprecio o seu desejo, Carlinhos, mas deixemos para amanhã. Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

ALGUNS ANIMAIS DOMÉSTICOS

Reunidos o vovô, os netinhos e seus amiguinhos.

NEUSINHA — Sabe você, como o Sr. falou ontem sôbre cães, eu achei mais graça ainda nêles. Eu jogava pedaços de carne para o meu Lulu e êle pegava-os aos pulos. Tão engraçado, vovô! Mas depois joguei um pedaço para o meu gatinho e êle não achava!

VOVÔ — O gato tem o tato, a vista e o ouvido bastante desenvolvidos, mas o olfato muito imperfeito.

NEUSINHA — Ah! Então êles não sentem bem o cheiro, não é?

VOVÔ — É verdade.

CARLINHOS — Qual é o gato mais belo?

VOVÔ — O gato angorá é o mais belo de todos.

CARLINHOS — Existe muitas qualidades?

VOVÔ — Algumas. E até há uma qualidade de gatos sem cauda.

CARLINHOS — Qual é?

VOVÔ — O gato denominado Monx.

NEUSINHA — Os gatos são tão amigos dos homens como os cães?

VOVÔ — Não. E os gatos até afeiçoam-se mais às casas do que às pessoas.

PAULO — Que danados, hem! E gostam dos gatinhos, quando nascem?

VOVÔ — Perfeitamente. O gato ama bastante os filhos, prepara-lhes a cama antes de nascerem, muda-os de

sítio quando não os sente seguros e, enquanto os cria só os deixa para buscar-lhes alimento.

NEUSINHA — Sabe vovô, o Paulo está falando sôbre gatos porque outro dia êle esteve lá em casa e só vendo como judiou do meu gatinho e das galinhas. Jogava o gato em cima das galinhas, pintou o sete.

CARLINHOS — Ah, vovô! fale-nos sôbre galinhas.

VOVÔ — A galinha é da família dos faisões e originária da Índia.

BIRUNGA — Então não é do Brasil?

VOVÔ — Não. Você não se recorda, nas suas lições de História do Brasil, do mêdo que os índios tiveram da galinha quando viram-na na embarcação de Cabral?

BIRUNGA — Ah! É verdade.

FREDI — Qual é a galinha que mais põe ovos?

VOVÔ — É a legorne.

FREDI — Mas é uma galinha tão pequena!

VOVÔ — De fato. É uma raça pequena mas põe ovos grandes e é uma das melhores poedeiras.

PAULO — O meu tio faz cruzamentos de galos índios para briga. Será que isto adianta?

VOVÔ — Por meio de cruzamento fazem-se seleções de raça.

CARLINHOS — A galinha é bastante útil, não vovô?

VOVÔ — Por certo. Além da carne e dos ovos utilizam-se as penas e até os excrementos.

CARLINHOS — É verdade que a galinha não gosta de ser incomodada quando está chocando?

VOVÔ — É verdade. Seguem a voz do instinto, pois os melhores pintos são os incubados ocultamente pela mãe.

CARLINHOS — De que se alimenta a galinha?

VOVÔ — De tudo quanto encontra e também de grãos de areia para facilitar-lhes a digestão.

BIRUNGA — A galinha é inteligente?

VOVÔ — Não. E por estupidez, tôdas as vêzes que a galinha encontra algo para comer, com alegres gritos, chama a atenção das companheiras e essas atacam-na, roubam-lhe o petisco e em correrias de bico em bico, até que outra mais esperta apodera-se do alimento e come-o, enquanto as outras assistem desnorteadas.

CARLINHOS — Quantos ovos põe a galinha?

VOVÔ — A galinha é notável pela sua fecundidade, mas não põe durante a época da muda, ou seja, pelo espaço de um mês e meio, por ano. Uma boa galinha põe em média 80 ovos no primeiro ano, 120 no segundo, 130 no terceiro, 80 no quarto, depois do que, diminui a produção de ovos. Há galinhas que põem todos os dias, mas em média, põem de dois em dois, ou de três em três dias.

CARLINHOS — E quanto mais comem, mais põem ovos?

VOVÔ — Você fêz uma pergunta, oportuna, Carlinhos. Que aprendam os glutões. Pois acontece com os homens o que acontece com as galinhas. Produzem

mais os homens que se alimentam bem e não os que comem muito pouco ou comem demais. Nas galinhas tanto a falta de alimento, como a alimentação em excesso, diminue a produção de ovos.

BIRUNGA — A criação de galinhas dá muito lucro?

VOVÔ — Dá. E por isso tem-se desenvolvido bastante a galinocultura. Razão por que criaram processos artificiais, como as chocadeiras, para a incubação dos ovos, as criadeiras, para a criação dos pintinhos e as cevadeiras para a engorda das aves.

NEUSINHA — Olhe lá o Paulo puxando as cordas do violino de Carlinhos. Êle arrebenta agora mesmo as cordas. Como o Paulo nada respondesse e ficasse quieto, a Neusinha disse de novo: agora fica quietinho como se nada fizesse; e continua: carneiro! Ao ouvir êsse nome Paulo enfureceu-se.

VOVÔ — Você, Paulo, faz-me achar graça. Procedeu realmente como um carneiro. O carneiro é um animal manso mas é um animal forte e quando atacado é disposto à luta. E vocês sabem que as cordas dos violinos são fabricadas com as tripas dos carneiros?

BIRUNGA — Boa, boa, desta não me esqueço mais.

VOVÔ — Há pouco eu lhes falei sôbre a alimentação das galinhas. Pois bem: as cabras, que devoram tudo quanto encontram, não têm a imponência dos carneiros e quase que só nos fornecem o leite e a carne, enquanto que os carneiros fornecem-nos a lã, a carne, o couro com o que se fazem luvas e encadernações de livros e ainda as cordas dos violinos.

PAULO — (Voltando-se baixinho para a Neusinha): Cabra. Neusinha desatou a chorar. Depois de algumas palavras do Dr. Antônio, acomodou-se.

PAULO — O Sr. falou, Dr. Antônio, em galinhas, e eu quero também contar a minha história. Não é só o Fredi que sabe contar. Posso?

VOVÔ — Como não?

PAULO — Certa vez um pato foi jogado dentro de um galinheiro e não se sentiu bem ali. Quis sair por meio de um vão que avistou. Quando ia sair uma galinha pôs-se em frente do vão, interceptando a sua saída. O pato correu a outro vão e novamente a galinha atrapalhou-o. Correu a outro vão e a galinha outra vez prejudicou a sua saída. Moral da história: de vão em vão a galinha enche o pato.

Todos apreciaram a história do Paulo e o Fredi apressou-se em dar-lhe os parabéns, felicitando o concorrente.

VOVÔ — Muito bem. Por hoje chega. Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

OUTROS ANIMAIS ÚTEIS

VOVÔ — Falamos ontem sôbre gatos, galinhas, carneiros e cabras. Vejamos hoje alguma coisa sôbre o gado vacum e outros animais. Vocês sabem que a vaca nos dá o leite, e com êste, o queijo e a manteiga.

PAULO — E a carne para o alimento.

FREDI — Paulo, você não acha que isto está muito **carne de vaca?**

PAULO — Não me amole.

FREDI — Estou, tão sòmente, fazendo minha a sua linguagem.

VOVÔ — Nada de rusgas rapazes. Prestem atenção. Além do leite, queijo, manteiga, carne e da pele, com o que se aproveita o couro para o fabrico de calçados, arreios e até alguns móveis, não se lembram em geral que com o pêlo se fabricam escovas, e, quando crespo, colchões. E mais: de algumas partes do corpo extrai-se sêbo e cola e de outras, gelatinas para fazer geléias. E outras mais, empregadas como medicamento. Com os ossos fazem-se faças, peças de xadrez, botões e outros instrumentos. E ainda, ossos moidos, são espalhados na terra como adubo excelente para a cultura de morangos e tomates.

PAULO — Puxa! coitada da vaca! E do boi também.

VOVÔ — Os bois tão utilizados nos engenhos primitivos, engenhos de cana, são hoje ainda muito empregados para os carros e arados.

CARLINHOS — Vovô, quais as vacas que produzem mais leite?

VOVÔ — São as vacas flamengas, holandesas e jerseis. Uma vaca holandesa, além de bom leite, produz de 20 a 25 litros por dia. Há casos de darem 36 litros diàriamente durante dois meses. O leite da vaca jersei distingue-se pela grande quantidade de gorduras que contém.

BIRUNGA — Quando é que se sabe que a vaca tem leite?

VOVÔ — Elas mesmas encarregam-se de anunciar. E até soltam um forte mugido quando querem ser ordenhadas.

FREDI — Ouvi outro dia, Dr. Antônio, alguém dizer de um outro que comia tão depressa como uma vaca. Está certa essa comparação?

VOVÔ — A vaca come realmente muito depressa. Mas a vaca pode fazê-lo, pois que o seu aparelho digestivo apresenta a particularidade de possuir 4 estômagos, e, como o camelo, pode levar em si água para vários dias, assim como, alguma quantidade de alimento. A vaca rumina. O alimento vai para o 1.º estômago e depois para o 2.º e sucessivamente para o 3.º e 4.º, pelo processo da ruminação, completando-se a digestão no 4.º estômago.

NEUSINHA — Quatro estômagos, vovô?

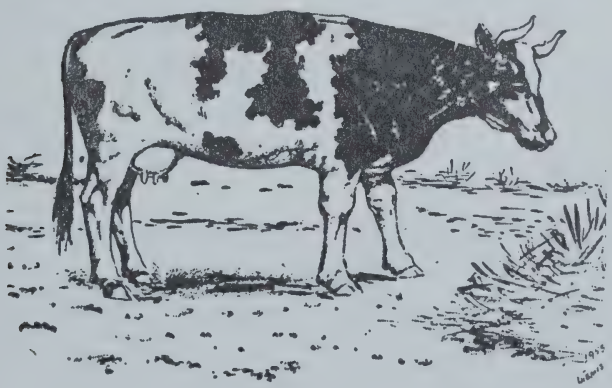
VOVÔ — Precisamente. Mas o homem tem um estômago só e esquece-se disso. Daí graves conseqüências, pelo mau hábito de comer depressa. Quanta pessoas teriam menos dores, **melhor fígado,** mais saúde, se comessem mais devagar, auxiliando a digestão com o cuidado de mastigar bem a comida. Lembrem-se vocês disso, ouvindo atenciosamente e pondo em prática o conselho do vovô.

FREDI — Dr. Antônio, vou contar-lhe uma a propósito da vaca.

VOVÔ — Ouçamos o Fredi.

FREDI — Um bêbado foi pegado por uma vaca e transportado imediatamente para o hispital. Sabendo-o, um compadre, visitou-o, em seguida. Em lá chegando, dirige a palavra ao bêbado, que ainda se encontrava sob o efeito do álcool.

Que foi isto compadre? Ao que o bêbado responde: Olhe, eu vou explicar. Vinha eu pelo pasto. Nisto apareceram duas vacas: uma que era e outra que não era. Eu corri. Avistei duas árvores: uma que era e outra que não era. Tentei subir na árvore que não era e veio a vaca que era e me pegou.



VOVÔ — Bela piada, Fredi. Parabéns.

FREDI — Obrigado, Dr. Antônio. Agora, parodiando Paulo, voltando **à vaca fria**...

PAULO — Ô ta sujeito **avacalhado** êsse Fredi.

FREDI — Bem; não digo mais, Dr. Antônio, o Paulo não gostou.

VOVÔ — Mostrei-lhes como da vaca, aproveita-se tudo. E não se esqueçam, aproveita-se tudo mesmo, só não se aproveita o berro.

FREDI — Aproveita-se, sim, Dr. Antônio.

VOVÔ — Como?

FREDI — Na buzina.

VOVÔ — Êsse Fredi!

CARLINHOS — Vovô, referindo-se à vaca, você disse, que, como o camelo, pode levar em si água para vários dias, assim como, alguma quantidade de alimento. Tenho ouvido algo neste sentido sôbre o camelo. Como é mesmo, vovô?

VOVÔ — Os camelos atravessam os grandes desertos de areia, e são os únicos animais que o podem fazer, sem provar água durante cinco ou seis dias, conduzindo sôbre o lombo uma carga de 200 a 300 quilos. Levam em sem próprio corpo o alimento e a água de que necessitam para a viagem. É que, no interior do seu organismo encontram-se células semelhantes às dos favos de mel, onde se aloja considerável quantidade de água.

CARLINHOS — E é verdade que os camelos também produzem leite?

VOVÔ — É verdade. E o seu pêlo é empregado no fabrico de pincéis e tecidos.

CARLINHOS — Disseram-me que os búfalos são domésticos. Está certo?

VOVÔ — Não são domésticos, mas na Índia e no Egito, bufalos domesticados executam os trabalhos que em outras regiões são entregues aos cavalos.

NEUSINHA — O búfalo tem uma ou duas corcovas?

VOVÔ — Tem uma, assim como o dromedário. Os camelos é que têm duas corcovas.

FREDI — Quer ouvir uma, Dr. Antônio?

VOVÔ — Creio que todos queremos.

PAULO — Até eu estou pronto para ouvir êsse convencido.

FREDI — Se assim acha em me calo.

PAULO — Desculpe-me Fredi.

FREDI — Certa vez queixou-se uma senhora de um homem que a havia chamado de camelo. O juiz intimou-o a comparecer a sua presença, junto à senhora. E lhe fala: então o senhor teve coragem de insultar a essa senhora chamando-a de camelo?

E existe mal nisso, doutor? Como não, respondeu o juiz. E agora o único meio é retirar o que disse. Ao que, aquêle senhor disse: está retirado. Depois voltando-se para o juiz, interpela-o: Sr. juiz, e a um camelo eu posso chamar de senhora? E outra vez o juiz: não vejo mal algum. E então, despede-se **respeitosamente** o cavalheiro: até logo senhora.

Risada Geral.

NEUSINHA — Que desafôro.

PAULO — É verdade que a vaca não é originária do Brasil, Dr. Antônio?

FREDI — Hum, gostei de sua linguagem difícil desta vez.

PAULO — Fredi, Fredi, está me **enchendo** muito!

VOVÔ — O gado vacum foi introduzido no Brasil, na Bahia, por Tomé de Souza, o primeiro governador geral do Brasil, que o trouxe de Cabo Verde.

PAULO — E as galinhas, de que o sr. falou ontem, quando vieram?

BIRUNGA — Você não ouviu que foi com a esquadra de Cabral?

VOVÔ — Não Birunga, aquela não foi conservada viva. Martin Afonso de Souza é que, na sua expedição em 1532, entre outros animais, trouxe galinhas, e aqui, em terras paulistas, em São Vicente, fêz a primeira criação.

CARLINHOS — Vovô, em países aqui na América do Sul há animais diferentes dos nossos que são úteis ao homem?

VOVÔ — Há. Como exemplo, o Lhama, ruminante da família dos camelídeos, animais de carga, habitantes de região dos Andes, a mais de 2.000 metros de altitude. É pouco maior do que um burro. Parece-se com os camelos, sem possuir no entanto a carcova. É obediente aos condutores; ajoelha-se para o carregarem. Mas possue uma característica interessante: se a carga é demasiada, recusa-se a pôr-se em pé; e se o excitam, cospe para cima de quem o provoca.

NEUSINHA — Que **gosado,** Vovô.

PAULO — Ah! Êsse é dos meus. Toma lá, dá cá.

VOVÔ — Vive o Lhama em currais, no planalto da Bolívia e no norte da Argentina, como o nosso gado vacum no Brasil. Além de animal de carga, aproveita-se-lhe a carne. Antes do descobrimento da América, já os índios quichuas utilizavam-lhe a lã. Oferece, como animal de carga, a grande vantagem de poder transitar veredas difíceis e perigosas. É animal que pouco se alimenta, no que também se assemelha ao camelo.

BIRUNGA — Gostarei de saber, Dr. Antônio, de animais úteis ao homem em regiões como a Lapônia e o Tibet.

VOVÔ — Sabê-lo-á. Na Lapônia encontram-se as renas. As renas arrastam trenós caregados de mercadorias nos paises frios. São para os Lapões e outros povos que habitam paises frios o que são os camelos para as regiões arenosas e quentes. Com o pêlo das renas fazem-se tecidos. Com a sua pele, couro e coberturas para as barracas de campanhas e para os barcos. Com

os tendões, cordas; com os ossos, vários instrumentos. A sua carne é alimento e a sua gordura é utilizada na cozinha e para alimentação. Produz leite. Os Lapões consideram-se ricos quando possuem muitas renas.

BIRUNGA — E no Tibet?

VOVÔ — A milhares de metros de altitude, na Ásia Central, encontra-se o Yack, o animal de carga dos habitantes do Tibet. É um intermediário entre a ovelha e o boi. Tem as pernas curtas, mas os chifres são grandes e bonitos e o pêlo comprido. Seu leite é gostoso e nutritivo. Com a parte mais fina do seu pêlo fazem-se tecidos e com a parte mais grossa fabricam-se barracas de campanha e corda.

BIRUNGA — Muito obrigado, Dr. Antônio.

VOVÔ — Fiquemos hoje por aqui. Até amanhã para todos vocês.

TODOS — Até amanhã.

CLASSIFICAÇÃO DE CRISTAL DE ROCHA

A história de hoje foi interrompida por um amigo do Dr. Antônio. Encontravam-se reunidos Carlinhos, Neusinha, Fredi, Birunga e Paulo com o Dr. Antônio, quando êste recebe a visita de um amigo residente no Estado de Goiás e garimpeiro de cristal de rocha em Cristalina, Chapada dos Veadeiros e Piau-Pium.

Tendo o amigo do Dr. Antônio prática dos garimpos mas desejando conhecer algo da parte teórica e do exame nos aparelhos próprios e sabendo que o Dr. Antônio é mestre no assunto veio pedir-lhe esclarecimentos.

Os meninos divertiam-se com a coisa e acorreram atentos para escutar as explicações do Dr. Antônio.

O amigo do Dr. Antônio ouviu-lhe as lições, fazendo-lhe algumas perguntas que não vamos aqui reproduzir mas tão sòmente a essência do assunto. Não garantimos que êle haja entendido tudo, mas o suficiente para melhorar o seu comércio com os exportadores.

Eis as preciosas informações que o garimpeiro recebeu:

Crital é um mineral que tem forma.

A sua forma natural é geométrica limitada por faces planas e retilíneas. Perde, todavia, sob certas condições sua forma poliédrica, tornando-se irregular ou rolado.

Quartzo é uma variedade de sílica cristalizada no sistema hexagonal.

Quartzo hialino ou cristal de rocha é o cristal límpido, transparente e incolor.

O quartzo hialino ou cristal de rocha pode ser facetado ou piramidado, rolado e às vêzes bipiramidado.

Encontramos especímenes defeituosos muito interessantes como seja o quartzo espetral. Trata-se de um cristal de rocha coberto de mica, de argila ou de outro mineral que, crescendo, recebeu novas moléculas de cristal de rocha encobrindo inteiramente o cristal primitivo constituindo núcleo visível no interior de um cristal transparente.

O quartzo encapuzado é devido ao mesmo fator mas nesse caso a camada de argila ou de mica impediu a perfeita aderência das duas partes do cristal.

Outro defeito considerável são as inclusões de rutilo e de turmalina que recebem o nome de agulhas.

Alguns dos defeitos mecânicos são os poros, cavidades e inclusões. Os poros e pontos são muito freqüentes. Admite-se que as cavidades sejam devidas a paradas na cristalização quando se depositaram matérias estranhas como a argila.

Denominam-se inclusões, matérias sólidas, líquidas ou gasosas, diferentes dos cristais que se encontram no interior dêles e que podem ser macroscópicos ou microscópicos conforme são visíveis ou não a ôlho nu.

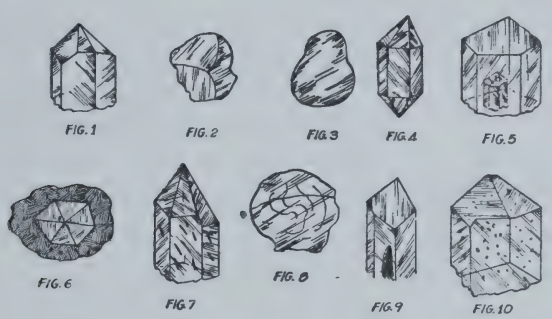
Há em cristal de rocha as inclusões sólidas e entre elas as de rutilo sob a forma de finíssimas agulhas constituindo os chamados cabelos de Venus, agulhas verdes de actimolita, a pirita, a mica sob forma de escamas, delgados prismas de turmalina negra, etc...

Casos há em que a quantidade de matéria inclusa é maior do que a do cristal, como a calcita de Fontaine-

bleau que contém de 70% a 83% de grânulos de areia quartzífera.

A inclusão sólida de um cristal por vêzes desaparece deixando uma cavidade correspondente.

Além das inclusões sólidas há as inclusões líquidas e gasosas. As inclusões líquidas são formadas de água pura ou de salinas aquosas encontrando-se algumas ligeiramente coloridas. As inclusões gasosas em geral formam bôlhas e parecem ser metona ou azôto. Encontram-se, de quando em quando, inclusões gasosas ao lado de inclusões líquidas.



Muitos outros defeitos são encontrados nas pedras como as jaças motivadas ou por influências térmicas ou por pancadas.

Os pontos, muito comuns, são mais ou menos prejudiciais conforme sejam muitos e fortes ou poucos e leves.

Entre os minerais estratégicos existentes no Brasil é o cristal de rocha o de maior aplicação.

Os seus defeitos são encontrados através de dois aparelhos: polaroscópio e lâmpada de arco voltáico. Utilizado o quartzo hialino ou cristal de rocha principalmente para fins piezoelétricos e particularmente aplicado na indústria de rádio comunicação cortado em lâminas para

contrôle de freqüência na emissão de ondas, natural é que se estabeleça qual o de melhor qualidade.

A piezoeletricidade consiste no desenvolvimento de eletricidade de sinais contrários nas duas extremidades de um cristal quando o comprimimos.

Entre as múltiplas aplicações técnicas do cristal encontram-se.

1.º) a radiotécnica, na construção de um oscilador, que permite manter constante o comprimento da onda emitida;

2.º) para determinar instantâneamente a pressão de conhões;

3.º) para descobrir na água a presença de obstáculos empregando-se ondas ultra-sonoras.

As inclusões sólidas, líquidas ou gazosas, as linhas de perturbação no crescimento, as manchas, fendas, jaças e partículas estranhas de outros minerais devem ser clara e positivamente observados.

Através da luz espargida pela lâmapa de arco voltáico procuram-se os defeitos chamados "mecânicos": poros, pontos, linhas, jaças, igrejas, nuvens, chuvas, tindal, raios prateados, cabelos de Venus e linhas azuis.

Por meio do polaroscópio verifica-se a gemeação.

Os defeitos mecânicos são investigados mais claramente com a pedra mergulhada no óleo. Com a pedra no óleo e segura por uma das mãos virâmo-la em frente à luz da lâmpada de arco voltáico tendo-a em várias posições, procuramos com cuidado os defeitos que podem não ser vistos de um lado e o ser de outros.

A gemeação é vista com o auxílio de um espelho e duas chapas polaróides que fazem parte do palaroscópio, tendo também a pedra mergulhada no óleo. Para se encontrar a gemeação procura-se primeiro o eixo. Há

necessidade de um pouco de prática na forma em que se toma a pedra a fim de se determinar o eixo. Observa-se mais ou menos um ângulo de 90°, sendo isso menos fácil em se tratando das pedras irregulares ou roladas.

Eixo ótico é a linha imaginária reta que passa pelo centro do cristal ligando os pontos médios às extremidades. O eixo é perpendicular às linhas de crescimento e é nessa direção que deve ser procurado. À busca do eixo, com a luz polarizada, viramos a pedra observando as passagens, e, aproximadamente a uns 12' do eixo enxergamos freqüentemente um arco-íris em volta da pedre ou quando é usada lâmpada de mercúrio ou sódio, em tôda ela. Nesse ponto procuramos com cuidado a gemeação que é uma falta de homogeneidade da estrutura molecular. Trata-se visualmente de uma luz multipartida diferente do arco-íris.

Há duas espécies principais de polaroscópios, um vertical e outro horizontal. O horizontal é feito voltado num sentido ou noutro para se trabalhar com a mão direita ou esquerda.

Com os aparelhos verticais usam-se óculos por levarem uma só chapa polaróide, o que se pode fazer também com os horizontais colocando ainda nesse caso uma só chapa.

Além dos defeitos mecânicos e a gemeação ótica existe a gemeação elétrica observada rudimentarmente pelas estrias mas não sendo nesse caso sempre precisas antes que se cortem os blanques. A gemeação elétrica existe se o cristal sofreu uma rotação de 180° sôbre o eixo Z. Expliquemos que em cristalografia as faces de cabeça maiores e geralmente brilhantes são representadas pela letra R e as faces menores que não chegam até a ponta e comumente fôscas pela letra Z.

Se a pedra não tem nem defeitos mecânicos, nem gemeação ótica, nem gemeação elétrica é de perfeito uso piezoelétrico.

Ao se colocar no polaroscópio a pedra irregular ou rolada adquire-se com a prática, na orientação dela, uma perfeita intuição para onde está voltada a ponta na determinação do eixo.

Nos garimpos onde não chega a eletricidade e sem a utilização de motores podem ser usados para a escolha do material tipos especiais de aparelhos com o auxílio do sol, mas sem resultados concludentes.

Tem-se procurado substituto para o cristal de rocha.

A turmalina límpida possui propriedades similares mas pequena é a quantidade encontrada e além disso mais delgada precisa ser a espessura do seu corte e portanto mais sujeito a fraturas.

As propriedades mecânicas dos cristais desenvolvidas pelos sais de Rochelle não são satisfatórias e instáveis e sujeitas a rápida deterioração.

O cristal sintético pràticamente não existe.

Embora o cristal de rocha tenha sido encontrado em algumas regiões dos Estados Unidos, Madagascar e Alasca não pode em nenhum dêsses lugares competir com o do Brasil nem em quantidade nem em qualidade, fruindo o Brasil quase que 100% da produção mundial.

Os Estados produtores do Brasil são Minas Gerais, Goiás, Bahia e Mato Grosso. Outros Estados o possuem em pequena escala.

As explicações acima foram dadas de maneira prática, fazendo o Dr. Antônio demonstrações com os aparelhos que tem em casa, sempre assistidos pelos netinhos e os amigos.

Ao se retirarem o vovô e o seu amigo numa palestra amistosa, voltaram as crianças a colocar pedras de cristal dentro do óleo.

A mãe de Neusinha procurou-os com pratos apetitosos e cheirosos com o que resolveram deixar para mais tarde novas experiências. Foi a primeira vez que não puderam misturar alho e óleo.

OS MESES DO ANO

Reunidos o vovô, os netinhos e amiguinhos.

VOVÔ — Quê vocês gostariam de ouvir hoje?

CARLINHOS — Vovô, um dos meus colegas disse-me que se deveria escrever mez com **z** final, como antigamente e não mês, isso é, mês com **s** final e com acento circunflexo. Êle tem razão?

VOVÔ — Em absoluto. O seu colega está elaborando em êrro. A palavra mês, vem do latim mensis, devendo escrever-se, portanto com **s** final e não com **z.**

CARLINHOS — É verdade que o ano antigamente não so compunha de doze meses e sim de dez?

VOVÔ — É verdade. Antes cada mês era a décima parte do ano e agora é a duodécima parte. Sete meses, ou seja, os meses de janeiro, março, maio, julho, agôsto, outubro e dezembro, têm 31 dias. Quatro, abril, junho, setembro e novembro, 30 dias e o mês de fevereiro, 29 dias, nos anos chamados bissextos. O mês comercial tem 30 dias. Antigamente o ano começava em março e não em janeiro como agora. Querem vocês saber da história dos meses?

CARLINHOS — Que bom, vovô, queremos sim.

VOVÔ — Comecemos do primeiro mês do ano, o mês de janeiro. A palavra janeiro origina-se do latim Januarius, de Janus, que em português, dizemos Jano. Jano era um deus romano que tinha duas faces a

quem os romanos consideravam ser o porteiro do céu e protetor das suas portas e portões. Era também o deus dos princípios e dos fins. Os romanos que queriam começar ou terminar qualquer coisa bem imploravam ao deus Jano. Atribuia-se-lhe ao mesmo tempo a faculdade de ver o passado e o futuro. Daí, outorgar ao deus Jano, o primeiro mês do ano, o mês de janeiro, que é o liame entre o ano que se finda e o ano que se inicia.

FREDI— Dr. Antônio, sabe de que me fez lembrar êsse deus Jano?

VOVÔ — Diga, Fredi.

FREDI — Na época da ditadura de Vargas havia no Estado do Maranhão um interventor muito feio. Uma senhora esteve no palácio, com êle conversando, pedindo-lhe um favor. O interventor prometeu-lhe e a senhora quando saia, voltou e lhe disse: "Dr., o senhor não será como os outros, um homem de duas caras, que promete e não cumpre?" Ao que o inteventor respondeu: "ora minha senhora, então a senhora acha que se eu tivesse duas caras, usaria esta?"

VOVÔ — Muito boa, Fredi. Você lembrou-se disso, porque eu falei representarem os romanos a Jano, com duas faces, não é?

FREDI — Perfeitamente.

Todos riram da lembrança do Fredi que por sinal de quando em quando amenizava as histórias do vovô com suas piadas.

VOVÔ — Vocês sabem que a uma pessoa muito idosa diz-se que tem muitos janeiros não é? Dá-se, também, neste sentido o nome de durazio. No mês de janeiro, 28 de janeiro de 1808, deu-se a abertura dos portos do Brasil ao comércio das nações amigas o

que significa a nossa emancipação, deixando desde êsse dia o nosso país de ser colônia.

BIRUNGA — E o mês de fevereiro, Dr. Antônio.

VOVÔ — Fevereiro, do latim februarius, deve o seu nome à deusa Februa, deusa das purificações. Nesse mês celebravam-se festas de expiação para o povo denominadas februais.

PAULO — E o mês de março?

VOVÔ — Março, do latim martius, originado de Marte, deus da guerra e de grande fôrça. Sacrificavam-lhe carneiro, cavalo, lôbo ou abutre. Associavam Marte ao relâmpago e ao trovão. Embora seja originado o nome de março do nome de deus Marte, era entre os romanos êste mês consagrado a Mercúrio.

NEUSINHA — Ah! Eu também quero perguntar. Só êles perguntam ! E o mês de abril, vovô?

VOVÔ — Muito bem, Neusinha. E você acertou o momento de perguntar pois que o nome do mês de abril não se origina de um deus, mas do que consideravam os romanos, o anjo da primavera: abril, o que abre; do latim aprilis, de aperire, abrir. Abril é a época em que na Europa a terra abre o seu seio. Nessa ocasião enche-se, na Europa, a terra de flôres, renova-se a vida no campo e as árvores cobrem-se de fôlhas. Omnia aperit! Abre tudo!

NEUSINHA — Mas por que acertei o momento de perguntar?

VOVÔ — Porque para êles abril era o anjo da primavera e você também é um anjo.

Neusinha sorriu entreabrindo os lábios, satisfeita, e de novo pergunta:

NEUSINHA — Há mais alguma coisa do mês de abril?

VOVÔ — Para nós brasileiros, sim, pois no dia 7 de abril de 1831, deu-se a abdicação de D. Pedro I.

PAULO — E maio?

VOVÔ — Maio, do latim maius, dedicado à deusa Maia, filha de Atlas. Representava-se Maia sentada num trono de luz. Em Portugal a uma pessoa enfeitada com flôres dá-se o nome de maia. Diz-se lá: parecia mesmo um maio. Fulano vive num permanente maio.

No mês de maio, 13 de maio de 1888, aboliu-se definitivamente a escravidão no Brasil.

BIRUNGA — E junho?

VOVÔ — Junho, do latim junius, é um mês consagrado à deusa Juno rainha do céu e espôsa de Juptir, com poderes sôbre os astros e fenômenos celestes, tais como os ventos e o trovão.

BIRUNGA — E julho?

VOVÔ — Julho, do latim julius, tem o nome de julho em homenagem a Júlio Cesar, imperador romano. Chamava-se anteriormente quintilius, quando o ano era de dez meses e não doze e êste mês era o 5.º e não o sétimo como agora.

NEUSINHA — Posso perguntar outra vez, vovô?

VOVÔ — Como não, minha netinha! Pergunte.

NEUSINHA — E agôsto?

VOVÔ — Agôsto é uma corrupção do nome latino do imperador Augusto. O nome do mês sextilius, foi mudado para agôsto, em homenagem ao imperador Augutos Cesar, sobrinho do outro imperador Júlio Cesar. Não tinha êste mês 31 dias como agora mas sòmente 30. Os romanos, todavia, fizeram-no de 31, tirando um dia ao mês de fevereiro a fim de que Augusto não ficasse melindrado de ter o seu mês menos

um dia que o mês de Júlio Cesar. Tem o mês de agôsto êsse nome porque em agôsto é que Augusto foi feito côncul, em agôsto terminaram as suas guerras e em agôsto conquistou o Egito.

Porque Augusto trouxe paz ao mundo, cansado de guerras, porque no seu tempo floresceram a arte e a literatura e viveram os imortais poetas Horácio e Vergílio e se construiram templos e se fundaram livrarias foi denominada a época de Augusto o século de ouro. E muito mais razão ainda existe para esta designação, em virtude de, no seu reinado haver nascido em Belém, na Palestina, o Senhor e Mestre, o Cordeiro de Deus, o Salvador do mundo, Jesus Cristo.

CARLINHOS — E o mês de setembro, vovô?

VOVÔ — O mês de setembro que é hoje o nono mês, quando o ano tinha sòmente dez meses era o sétimo. Daí o seu nome. O número sete, em latim septem, orignou o nome de September, ou em português, setembro. É um mês do coração dos brasileiros, em virtude de nêle ter sido proclamada a independência do Brasil.

PAULO — E outubro?

VOVÔ — Outubro, do latim october, de octo, cuja tradução é oito era o oitavo mês do antigo calendário romano. Mês das colheitas na Europa ofereciam as primícias dos frutos às divindades. Hoje é o décimo mês do nosso calendário.

NEUSINHA — Sabe vovô, eu hoje estou gostando muito do assunto e por isso não quero que ninguém pergunte mais do que eu. Eu é que quero pedir para o senhor explicar o mês de novembro.

VOVÔ — Estou gostando Neusinha. Hoje você está esperta. Novembro, atualmente o 11.º mês, era o 9.º no antigo calendário romano, e, daí o seu nome, November, ou em portuguêes, novembro. No mês de novembro, faziam-se as festas brumais, ou de inverno, porque nêle começa na Itália o tempo nevoento, chuvoso e frio; e realizavam-se os jogos circenses e plebeus. Denominavam-se jogos plebeus os que foram instituidos para comemorar a reconciliação entre os nobres conhecidos pelo nome de patrícios e plebeus. Outras festas realizavam-se em homenagem a deuses.

BIRUNGA — E dezembro, Dr. Antônio?

VOVÔ — O mês de dezembro, como os meses de setembro, outubro e novembro, deriva o seu nome da ordem em que era colocado no calendário anterior. Sendo hoje o 12.º e último, era também o último, mas o décimo, pois o ano só tinha dez meses. Dezembro, origina-se do latim december, de decem, ou seja dez em português.

Mês dedicado ao Natal, comemorando o nascimento de Cristo, ainda que entre nós seja um mês de pleno verão, a representação típica do Natal, com aparência de inverno, é por ser um mês de frio, inverno e de neve nos países europeus.

NEUSINHA — Como é que se chama mesmo, vovô, o deus de duas caras?

VOVÔ — Era o deus Jano. Não confundam Jano com Juno. Jano era um deus que deu o nome a janeiro e Juno era uma deusa que deu o nome a junho.

NEUSINHA — Ah, vovô, eu achei tanta graça naquela história do Fredi, do interventor que não tinha duas caras! Que gozado!

VOVÔ — Eu também achei, mas creio que agora podemos terminar. Amanhã trataremos de outro assunto.

CARLINHOS — Continue mais um pouco hoje, vovô.

VOVÔ — Que você acha Neusinha?

NEUSINHA — Amanhã, não é vovô?

VOVÔ — Pois é. Amanhã. E, até amanhã a todos.

TODOS — Até amanhã.

JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

VOVÔ — Hoje vou falar-lhes de uma empolgante figura uma das mais altas expressões da inteligência brasileira, devotado patriota, homem de visão penetrante, de ação, prático, vibrante, apurado senso objetivo, a principal figura da Independência e qu impediu a desagregação do Brasil.

PAULO — Puxa, então era um **cabra cuera** mesmo!

VOVÔ — Você com a sua gíria é incorrigível Paulo. Não se zangue, mas gostarei de chamar-lhes a atenção, uma vez que vocês querem aprender!

PAULO — Ótimo, corrija-me sempre Dr. Antônio.

CARLINHOS — De quem mesmo vai falar, vovô?

VOVÔ — De José Bonifácio de Andrada e Silva.

CARLINHOS — Ah, vovô, que bom, eu queria saber mais sôbre êle. Nasceu em Santos, não é vovô?

VOVÔ — Sim, José Bonifácio, o grande brasileiro José Bonifácio era paulista tendo nascido em Santos no dia 13 de Junho de 1763.

CARLINHOS — Seus pais eram também brasileiros?

VOVÔ — Sim, pais e avós eram brasileiros do nosso Estado de São Paulo. O seu bisavô é que era português.

CARLINHOS — Onde estudou José Bonifácio, vovô?

VOVÔ — As primeiras letras, aprendeu-as com sua dedicada mãe e os princípios de humanidades com seu

valoroso pai. E de ambos herdou a inteligência, o tirocínio e o coração e a cultura de várias gerações. Terminou o curso primário em Santos e veio para São Paulo com 14 onde fêz o secundário. Daqui seguiu para o Rio de Janeiro, sempre estudando, e do Rio para a Universidade de Coimbra, em Portugal. E como na Universidade não compartilhasse com as serenatas, antes dedicando-se ardorosamente aos estudos, sobressaiu-se entre os colegas, sendo-lhe aumentada a auréola que já levava do Brasil.

BIRUNGA — Aí, pratrício, mostra que brasileiro é inteligente mesmo!

VOVÔ — Gozando José Bonifácio ótima saúde, de maneiras fidalgas e distintas, equilibrado e vivo, irradiando muita simpatia, ainda que por vêzes, arrebatado e impulsivo, conseguia onde quer que andasse numerosos amigos.

PAULO — Eu ouvi dizer que as vêzes êle dava umas **pisas** nos outros, é verdade?

VOVÔ — Paulo, veja be ma sua linguagem! Umas **pisas,** o que é isso?

PAULO — Está bem, Dr. Antônio, eu sempre me esqueço. Sei que preciso corrigir-me.

VOVÔ — Êle foi realmente em determinadas ocasiões, inflexível, mas isso em virtude de sua firmeza de caráter. Mas se por vêzes altivo, era justo e sincero, amável e condescendente.

CARLINHOS — Êle formou-se em Coimbra, vovô?

VOVÔ — Sim. Em 1787 conquistou os diplomas de bacharel em Filosofia Natural e em Direito Civil. Depois do que seguiu para Lisboa com o fim de iniciar a vida prática. Era já então conhecida a sua figura de iluminado.

FREDI — Inda bem que êle viveu naquele tempo, Dr.

Antônio, por que com a vida difícil de hoje em vez de iluminado estaria alucinado.

VOVÔ — Você tem razão, mas continuemos. Encontrava-se recentemente José Bonifácio em Lisboa quando D. João Carlos de Bragança, Duque de Lafões, que durante vários anos percorrera os mais adiantados países da Europa em viagem de estudos, volta a Portugal, desejoso de ali instituir os elevados princípios adquiridos.

E José Bonifácio que em Santos, em São Paulo no Rio e na Europa, a todos impressiona, que irradia simpatia e que, ao lado de suas seguras amizades, aumenta o saber e a fama, move também em seu favor o espírito do Duque de Lafões. É em José Bonifácio que o Duque de Lafões encontra o maior homem para os anseios de sua alma.

BIRUNGA — Aí batuta, no meio de tantos portugueses é o brasileiro quem brilha!

VOVÔ — Tem razão Birunga. Congregando o Duque de Lafões a intelectualidade lusitana, atrai para o seu grêmio o jovem que abria em seu caminho um rastro de luz. José Bonifácio empolga à sociedade, ao Duque, a todos.

CARLINHOS — Dizem que Portugal naquele tempo estava muito pobre; é verdade?

VOVÔ — Realmente. Fazia-se necessário o reerguimento de Portugal, na modernização das indústrias, na recuperação do solo e na restruturação do crédito, tirando-o do arcaismo que definhava a nação. José Bonifácio era o homem para essa trabalhosa tarefa. Idéias novas exigiam talentos novos.

CARLINHOS — É verdade vovô, que José Bonifácio foi também professor?

VOVÔ — É verdade. O Duque de Lafões fêz a José Bonifácio professor da Academia de Ciências e em seguida o govêrno português o comissiona a um aperfeiçoamento do estudo de ciências naturais na França, ao lado de dois companheiros, um brasileiro e um português.

CARLINHOS — E êle não casou?

VOVÔ — Casou justamente nessa época. É ainda sob o bafejo do Duque, em meio da nata lusitana, que encontra a sua eleita, Narcisa Emília O'Leory, de origem irlandêsa, arrimo para as suas lutas e companheira de suas glórias.

NEUSINHA — José Bonifácio foi para a França?

VOVÔ — Foi. Com o interêsse e o auxílio do Duque de Lafões inicia de verdade na França, amparado pela dedicada espôsa, a imortalidade do seu nome.

NEUSINHA — Depois voltou para Portugal?

VOVÔ — Demorou-se no estrangeiro. Da Cidade-Luz, empreende viagens de estudos, na Alemanha, Itália, Áustria, Suécia, Noruega, Dinamarca, Bélgica, Holanda, Hungria, Boêmia, Turquia e Inglaterra, e em tôda parte investiga, descobre e pontifica entre sábios. Conquista honestamente o nome de sábio, o seu nome é respeitado e a sua carreria científica atinge ao apogeu.

PAULO — Que camarada de sorte ! Meu pai sempre diz que tem vontade de conhecer o mundo e não conhece nem a Bolívia!

VOVÔ — E conhecer aproveitando assim é uma maravilha. Aproveitando para si e para a terra que o auxiliou nesses estudos. De volta José Bonifácio traz ao Portugal enfraquecido e exausto novas energias à terra de gloriosas tradições. Apresenta soma espantosa de dados, aconselha métodos, corrige êrros, aponta remédios, descobre minerais e mostra lucros. Enorme é o seu concurso no terreno da mineralogia, no tereno da indústria extrativa, na recuperação do solo e no renascimento financeiro.

CARLINHOS — Como eu gostaria de prestar benefícios assim!

VOVÔ — E pode, com todo o valor que você tem provado latente em sua pessoa.

NEUSINHA — Eu também posso não é vovô?

VOVÔ — Pode sim minha netinha. Deus os abençoará a ambos, para que, por sua vez vocês sejam bençãos para o nosso mundo aflito, necessitado de homens de bem e de ação. Amanhã continuaremos. Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

(Continuação)

VOVÔ — Continuaremos hoje a história de José Bonifácio. Vocês se recordam de eu lhes haver dito ter êle se formado como bacharel em Filosofia Natural e Direito Civil. Pois bem; agora é êle feito doutor em Filosofia Natural tornando-se catedrático da Universidade de Coimbra onde estudou.

CARLINHOS — O que é que êle ensinava vovô?

VOVÔ — Leciona a cadeira de metalúrgica pois entende o govêrno que José Bonifácio deve preparar outros e continuarem a renovação nacional por êle iniciada. Ali prestou serviços que se projetaram por todo o país.

PAULO — Então tornou-se de grande fama?

VOVÔ — A sua fama foi aumentando à medida que avançava o tempo pois nomeam-no para os mais relevantes cargos nos quais o seu concurso de gênio vai deixando sazonados frutos.

CARLINHOS — Você disse, vovô, que êle se formou também em Direito Civil. Nessa carreira não fêz nada?

VOVÔ — No ramo do Direito foi Desembargador durante onze anos.

FREDI — Eu estava pensando que em Direito eu o encontraria torto mas não há um jeitinho de pegar êsse homem. Era temível mesmo o gênio.

VOVÔ — E a sua fama aumentava. O príncipe real da Dinamarca convida-o para Inspertor das Minas na Noruega mas José Bonifácio declina o honrosso convite que equivale a uma consagração pública para continuar a emprestar o seu concurso à Universidade de Coimbra.

PAULO — Até na **estranja** o queriam?

VOVÔ — Paulo, mais cuidado, que negócio de **estranja** é êsse!? Em todo caso saiba que vários paises estrangeiros elegeram-no membro de suas academias.

PAULO — De certo êle era o homem da **gaita.**

FREDI — Sim, porque sem dinheiro nada se pode fazer. Um primo meu **fundou** uma loja aqui em São Paulo **afundou-se** e correu para Curitiba; e lá sem **fundos** o seu temor era **profundo.**

VOVÔ — E lá **refundiu** as suas finanças?

FREDI — Qual nada, **confundiu-se** todo.

VOVÔ — Você é quem me **conmunde,** Fredi. Sempre se **infunde** com trocadilhos dentro dos mais sérios assuntos.

FREDI — Um pouco de **infusão** não faz mal a ninguém.

VOVÔ — Bem, bem, continuemos.

CARLINHOS — É verdade vovô, que José Bonifácio foi também militar?

VOVÔ — Nas três invasões de Napoleão Bonaparte a Portugal, a primeira por intermédio do General Junot, quando D. João veio foragido para o Brasil e nas duas seguintes, tendo à frente respectivamente os Generais Soult e Massena foi José Bonifácio quem levantou a mocidade em revolta contra os invasores. Em virtude da sua bravura, exercia no final da campanha o posto de Coronel combatente. É nomeado, após a reconquista do Pôrto, Intendente interino de Polícia e Superintendente da Alfândega e Marinha

a fim de restaurar a ordem da cidade e restabelecer a disciplina comercial da região.

BIRUNGA — E quando é que o homem veio para cá, Dr. Antônio?

VOVÔ — Após tantos anos de estudos e trabalhos constantes nos quais José Bonifácio prestou os mais relevantes serviços a Portugal, como cientista, organizador, renovador, administrador, escritor, professor, magistrado e militar, resolve pedir a sua aposentadoria e rever a pátria distante para onde tinha permanentemente voltados o seu espírito, cérebro, alma e coração.

BIRUNGA — Aí então êle veio?

VOVÔ — Ainda não. O govêrno português nega o seu pedido. Sua presença no Brasil era temida. Com êle poderia o Brasil romper os laços que o prendiam à metrópole.

NEUSINHA — Coitado de José Bonifácio. E custou muito ainda a vir, vovô?

VOVÔ — Trabalhou e lecionou por mais três anos. Depois apresenta minucioso histórico de seus serviços à terra lusa provando ter direito ao justo descanso e renovando o pedido de aposentadoria. Os governantes, com o fito de o ter preso aos interêsses do trono, não despacham a petição mas permitem sua volta ao Brasil em gozo de seus vencimentos.

BIRUNGA — Até que enfim!

VOVÔ — Para isso muito influiu D. João VI.

CARLINHOS — Como assim?

VOVÔ — Êsse monarca na sua fuga para o Brasil encontrava-se maravilhado com a nossa terra e com o acolhimento recebido dos brasileiros. Acompanhado de tôda a côrte e aqui sentindo-se seguro, criou tudo o que era necessário para o estabelecimento e desen-

volvimento de um reino, elevou o Brasil a reino e colocou-o na mesma igualdade política de Portugal. O govêrno em Portugal desgostou-se com tudo isso e com a ajuda da rainha D.ª Carlota Joaquina, espanhola, espôsa de D. João VI, mulher que tinha ódio ao Brasil, fazia a maior pressão para a volta do monarca. E D. João VI como não quisesse retornar via em José Bonifácio o homem a lhe dar o braço forte em nossa terra, já pela sua imensa cultura, já pelo seu tirocínio, já pelo seu conhecimento dos homens.

PAULO — Então por isso é que José Bonifácio conseguiu vir?

VOVÔ — Direito. É assim, que em fins de 1819 após 36 anos de ausência de sua estremecida pátria e com 56 anos de idade revê as terras da Guanabara.

PAULO — E D. João VI conseguiu o que desejava com José Bonifácio?

VOVÔ — A vinda de José Bonifácio foi-lhe necessàriamente uma fôrça. Mas José Bonifácio não aceitou nada do que lhe propôs D. João VI. Nem o cargo de Ministro nem a reitoria da Universidade, nada.

CARLINHOS — Por que, vovô?

VOVÔ — O seu propósito era rever a terra natal e descansar de tantos e tamanhos esforços no estrangeiro em sua longa caminhada de extenuantes trabalhos de 36 anos. Razão porque dirigiu-se para Santos ao lado de sua espôsa e filha, com enorme livraria, inúmeras coleções mineralógicas e botânicas, indo habitar no seu sítio dos Outerinhos.

FREDI — Na verdade êle precisava descansar, mas admira-me de que não houvesse aceitado os cargos que lhe foram oferecidos por D. João VI.

VOVÔ — A admiração nãc é só sua. Na época, a notícia de recusa de José Bonifácio espantou o povo e o assunto foi discutido em tôda parte, ainda mais aureolando a figura de José Bonifácio.

CARLINHOS — Acho impressionante vovô, que José Bonifácio indo descansar, leve consigo tantos livros e tantas coleções mineralógicas e botânicas.

VOVÔ — Você tem razão Carlinhos. E mais se alegrará lembrando-lhe eu que, êsse homem que vai para ali descansar é por demais dinâmico e resolve fazer uma viagem de estudos pela Província. De início visita demoradamente a Capital onde ganha o coração e a admiração de todos. Os patrícios apreciam-no até ao espanto pois entram em contacto com um profundo psicólogo que além de cientista e poliglota que entende onze e fala seis línguas é ainda um estudioso que se dirige a Parnaiba, Itú, Sorocaba, Ribeira e Apiai, a inteirar-se da sua constituição geológica e mineralógica.

CARLINHOS — Inegàvelmente era maravilhoso o grande brasileiro José Bonifácio.

VOVÔ — Não é de se admirar que logo depois estivesse José Bonifácio de Andrada e Silva dominando o cenário político paulista. Não me adentrarei nesta faceta da vida de José Bonifácio por que esta parte e a sua atuação no cenário nacional é ventilada em nosas escolas. Quero, todavia, enfatizar alguns pontos capitais.

CARLINHOS — Quais?

VOVÔ — Entre êles, que, a essa altura dos acontecimentos, já D. João VI havia voltado para Portugal, e, D. Pedro que ficara em seu lugar aqui no Brasil continuava a sofrer a pressão das côrtes portuguêsas.

E D. Pedro sente na ascenção de José Bonifácio em meio da política paulista e na solidariedade que êste lhe emprestou um desafôgo e uma esperança para o seu govêrno. A juventude e a inexperiência de D. Pedro I carecia do largo tirocínio e ampla visão do Patriarca da Independência.

BIRUNGA — Eu estava procurando lembrar-me dêste título de José Bonifácio.

VOVÔ — Aliás o que melhor cabe no nosso herói além do de conselheiro. Os demais títulos, comendador e outros, recusou-os, como que por vergonha de recebê-los. Mas Patriarca da Independência é êle em tôda a linha pois foi quem evitou a desagregação do território nacional quando províncias do Norte do país faziam praça em obedecer às côrtes portuguêsas. Foi êle quem conseguiu com a inteligência segura da sua direção criar de novo a unidade do Brasil. E quando as intrigas de adversários e de D.ª Domitila, a amante de D. Pedro I, conseguiram o seu exílio e de mais dois dos seus irmãos, Antônio Carlos e Martim Francisco, gloriosos companheiros de jornada, essas criavam por sua vez a volta de D. Pedro I a Portugal pois perdia êste o equilíbrio da palavra e da presença do Patriarca estadista, qualidade que se juntava às outras da sua multifária personalidade. Quando D. Pedro I foi obrigado a deixar a terra que já havia feito a sua pátria, quem havia de deixar como tutor dos seus filhos? Procurou àquele que lhe inspirava a maior confiança, àquele a quem êle fôra ingrato, mas àquele a quem respeitava, àquele que tivera a coragem de dizer-lhe não compactuar-se com imoralidades.

PAULO — É verdade Dr. Antônio, que José Bonifácio foi também poeta?

VOVÔ — Fêz poesias no seu exílio. A poesia nêle não se equipara às suas outras qualidades. Expendeu, contudo, sôbre poesias êsses dois pensamentos: — "Para ser poeta é preciso ser namorado ou infeliz" — "Um grande poeta não pode ser ateu ou indiferente". E como estamos falando em pensamentos seus, ouçam êste não sôbre poesia, mas de profundo sentido sociológico: "Desgraçada da Nação em que não há admiração senão pela espada".

FREDI — Quanto anos durou José Bonifácio, vovô?

VOVÔ — Faleceu na Ilha do Paquetá em 1838 com 75 anos de idade. Foram setenta e cinco anos bem vividos nos quais conquistou a admiração, respeito e estima, e se fêz um exemplo para todos os brasileiros.

CARLINHOS — Seguir-lhe-emos o exemplo.

VOVÔ — Muito bem. Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

A PALESTINA

Novamente reunidos, o Dr. Antônio, seus netos Carlinhos e Neusinha e os amiguinhos Fredi, Paulo e Birunga.

CARLINHOS — Vovô, eu quero fazer-lhe um pedido hoje.

VOVÔ — Qual, Carlinhos?

CARLINHOS — Como estamos na época do Natal que você nos fale sôbre o nascimento de Jesus.

VOVÔ — Agrada-me muito seu pedido, Carlinhos, pois é o evento mais glorioso da humanidade.

CARLINHOS — É verdade que Jesus era sírio?

VOVÔ — Não. Jesus era judeu. Nasceu na Palestina, um país limítrofe da Síria.

CARLINHOS — Por que a pessoa da Palestina chama-se judeu?

VOVÔ — Chama-se judeu ,israelita ou hebreu. E a Palestina denomina-se também Israel e Judá.

CARLINHOS — E por que o nome Hebreu?

VOVÔ — A palavra hebreu vem de Heber, nome de um ascendente de Abraão considerado o pai da raça judaica. Era Heber, de Ur, uma cidade da Caldéia.

CARLINHOS — Onde fica a Palestina, vovô?

VOVÔ — É um dos países da Ásia, a oeste da Ásia. Ao Norte da Palestina é que fica o mar Mediterrâneo, e a Síria a Norte e Nordeste, o Iraque a Leste, o Mar Vermelho e a Arábia ao Sul e o Egito, na África a Oeste.

CARLINHOS — É grande a Palestina, vovô?

VOVÔ — Não. É um país bem pequeno, com sòmente 15.000 quilômetros quadrados, menor do que o nosso Estado de Sergipe.

CARLINHOS — Não diga, vovô!

VOVÔ — E um país tão pequeno, possui todos os climas do mundo.

CARLINHOS — Todos?

VOVÔ — Todos. No Mar Morto e no vale do Jordão é tropical; na bacia do Mar da Galiléia, semi-tropical; nos planaltos da Judéia e nas planícies da Galiléia, temperado, e, no monte Hermon, frio demais, onde se encontra a neve eterna.

BIRUNGA — É verdade que lá não chove?

VOVÔ — Informaram-no erradamente. Chove sim. As chuvas iniciam-se em fins de outubro e são abundantes até o fim de fevereiro; escasseiam em março, caindo com raridade no mês de abril. Essas últimas chuvas de março e abril são chamadas temporãs ou seródias.

PAULO — O sr. disse que no monte Hermon a neve é eterna. Cai neve em outros lugares na Palestina?

VOVÔ — Sim. Durante os meses de inverno, dezembro, janeiro e fevereiro, cai neve e saraiva às vêzes acompanhadas de grandes tempestades. Em Jerusalém e nos demais lugares altos a neve chega a cinqüenta centímetros de espessura e ocasiões há em que assim se conserva durante alguns dias.

PAULO — E quando não chove?

VOVÔ — De abril até setembro, quando escasseiam as chuvas, as noites são frescas e o orvalho cai com tal abundância, que, por vêzes, pela manhã dá a idéia de haver chovido à noite.

NEUSINHA — Vovô, está ventando demais hoje, desmanchando todo o meu cabelo. Posso fechar a janela?

VOVÔ — É melhor deixá-la aberta e você mudar de lugar, Neusinha. E por falar em vento, na Palestina o vento do sul é quente mas o que sopra do oeste, no verão, é geralmente fresco, mesmo ao meio dia; no inverno os ventos são constantes e sopram também do oeste, saturados da humidade do mar Mediterrâneo, trazendo grande benefício para a população do litoral; o vento do norte é fresco e por sua vez traz alívio no verão.

FREDI — E a terra da Palestina é fértil?

VOVÔ — Em alguns lugares é estréril mas em outros muito fértil.

Quase tôdas as plantas que se econtram nos climas temperados e semi-tropicais encontram-se na

Palestina. Entre elas, as laranjeiras, os limoeiros, bananeiras, oliveiras, figueiras, palmeiras. Produz a terra belas romãs, favas, lentilhas, trigo, cevada, arroz e milho.

BIRUNGA — Hum! Eu estou com vontade de comer umas romãs.

FREDI — Eu acho que as romãs deviam estar em Roma e não na Palestina.

BIRUNGA — Já vem você.

CARLINHOS — Vovô, você falou nos climas do Mar Morto e Mar da Galiléia, como se estivessem dentro da Palestina. Não entendi; mares dentro de um país?

VOVÔ — Não são mares. Chamam-nos de mares, mas so lagos.

CARLINHOS — Ah, bem!

VOVÔ — Foi sôbre o Mar da Galiléia que Jesus andou, espantando os seus discípulos.

FREDI — Por que um dos lagos chama-se Mar Morto. Morto por que?

VOVÔ — O Mar Morto é um lago muito salgado, cinco vêzes mais do que o Oceano pois contém 25% de sal. Em suas águas a vida não pode subsistir assim como há vegetação nas suas proximidades. O que possue o Mar Morto é grande riqueza na abundância de minerais que se encontram em suas águas. São tantos os minerais, que a água é densa e uma pessoa não se pode nela afundar.

Tanto o Mar da Galiléia como o Mar Morto estão muito abaixo do nível do mar. O Mar Morto mais ainda.

FREDI — Então Dr. Antônio, não serve para o meu pai que gosta muito de pescar. Para a Palestina já vi que o meu pai não iria.

VOVÔ — Mas podia o seu pai pescar no Mar da Galiléia e nos rios da Palestina. Foi no Mar da Galiléia que Jesus chamando a Pedro quando êste pescava, disse-lhe: "vinde e eu vos farei pescador de homens".

CARLINHOS — Há muitos rios na Palestina, vovô?

VOVÔ — Não muitos. Três são os principais: o Esdraelon que é o único rio importante cujas águas correm para o Mediterrâneo. É um rio muito fértil e às suas margens fazem-se boas colheitas de trigo.

PAULO — E os outros?

VOVÔ — São os rios Jordão e Jacob. O rio Jordão em cujas águas foi Jesus batizado por João Batista é um rio com vale profundo que corre para o sul quase em linha reta despejando as suas águas no Mar Morto. Está muito abaixo do nível do mar e é quente o clima de suas adjacências. O rio Jacob deslisa a leste do Jordão e com êle se junta a uns quarenta quilômetros antes do Mar Morto.

NEUSINHA — Sabe, vovô, eu tenho uma amiguinha que esraelita. O nome dela é Raquel e o irmão dela chama-se Jacob. Eu vou dizer-lhe que lá na terra dêles existe um rio com o nome do irmão dela. Ela vai ficar admirada, não é vovô?

VOVÔ — É sim, minha netinha. E você vai convidá-los a ouvirem amanhã, a história do nascimento de Jesus!

CARLINHOS — Amanhã, vovô? Por que não hoje!

VOVÔ — Amanhã trataremos do assunto com mais calma. Até amanhã a todos vocês.

TODOS — Até amanhã.

CIVILIZAÇÕES PREPARADORAS DO ADVENTO DO MESSIAS

O NASCIMENTO DE JESUS

Quando no dia seguinte encontravam-se de novo em casa do Dr. Antônio, os seus netos Carlinhos e Neusinha e mais os seus três aminguinhos, o vovô reparou que não estavam presentes os amiguinhos mencionados por Neuzinha razão por que pergunta o

VOVÔ — Você convidou, Neusinha, à Raquel e ao Jacob?

NEUSINHA — Convidei vovô, mas êles não quiseram vir de maneira nenhuma. Eu estranhei. Por que seria vovô?

VOVÔ — Os judeus não aceitam Jesus como o Salvador, como o Messias que havia de vir.

NEUSINHA — Que é Messias?

VOVÔ — Messias quer dizer: enviado. Os judeus esperavam um enviado de Deus, um Messias. E o Messias veio, que era Jesus, mas êles não receberam. Queriam não um reino espiritual, mas um que vingasse o seu povo do poderio romano.

CARLINHOS — Poderio romano?

VOVÔ — Sim. Roma dominava então, parte do mundo conhecido. Era o seu imperador, Otávio, sobrinho e filho adotivo de Júlio Cesar. Os romanos mudaram o seu nome para Augusto, ou, divino. O império de Cesar Augusto durou 42 anos: 28 antes de Cristo e

14 depois. Era o imperador tolerante para com os povos dominados dando-lhes relativa liberdade. Entre os povos dominados os judeus gozavam de regalias especiais em virtude da fôrça que lhes dava o seu culto.

Abriram os romanos estradas em profusão com o que facilitava Roma o seu comércio e a sua cultura. E como houvesse paz no tempo de Augusto a abundância se fêz entre as regiões antes assoladas pelas guerras. Com as estradas abertas muito facilitou Roma a implantação do cristianismo pois os apóstolos podiam propagá-lo em tôda parte aproveitando as vias de comunicação.

Três civilizações contribuiram para a formação do mundo na época em que Jesus nasceu. Uma delas, Roma de que acabei de falar; as outras duas foram a Grécia e Israel.

CARLINHOS — Qual foi a contribuição da Grécia?

VOVÔ — A Grécia que também vivia sob o jugo romano subjugou por sua vez o império romano com a sua cultura. Tudo era da Grécia: a ciência, as artes e a filosofia. Roma conquistou a Grécia; a cultura helênica conquistou Roma.

BIRUNGA — Que é helênico?

VOVÔ — Helênico, de heleno. Heleno é o mesmo que grego. Na época de Jesus a língua mais falada era o grego. Os nobres romanos mandavam instruir os seus filhos por mestres gregos. Os outros povos tinham também a sua literatura traduzida para o grego inclusive os judeus. O próprio Novo Testamento foi escrito em grego. Do mesmo modo que as estradas romanas facilitaram a difusão do Evangelho de Cristo a uniformidade de língua grega entre os povos tornou ainda mais fácil o objetivo divino.

PAULO — E qual foi a contribuição dos judeus?

VOVÔ — Os hebreus contribuiram com a religião. Enquanto os deuses gregos e romanos eram imperfeitos e imorais, inventados segundo a imagem dos homens, o Deus dos israelitas, Jeová, era santo, justo e bom. Muito auxíliou a doutrina judaica aos homens, à compreensão de um deus uno, justo e bom. E Jesus veio ao mundo tornar mais clara a revelação dêste Deus.

CARLINHOS — E como foi o nascimento de Jesus?

VOVÔ — Nos tempos de Jesus, a Palestina dividia-se em cinco províncias: da Judéia, Samaria, Galiléia, Tetrarquia de Felipe, e Peréia ou Tetrarquia de Herodes Antipas.

José, descedente da casa de Daví e Maria, mãe de Jesus, moravam em Nazaré, ao norte da Palestina, na província da Galiléia. As casas de Nazaré eram construídas de pedra calcárea e as principais plantações de Nazaré eram oliveiras e figueiras. José e Maria, noivos, antes de casarem, tiveram sobrenaturais avisos, de que Maria conceberia por obra e graça do Espírito Santo. De acôrdo com a mesma revelação, disse a José o Anjo do Senhor: " chamarás o seu nome Jesus, porque êle salvará o seu povo dos seus pecados". E com referência ao nome, disse o anjo ainda: "e chama-lo-ão pelo nome de Emanuel, que traduzido é: Deus conosco".

NEUSINHA — Estou gostando da história vovô!

VOVÔ — Muito bem! Posso continuar?

CARLINHOS — Conte-nos tudo, vovô.

VOVÔ — Antes de nascer o menino saiu um decreto de Cesar Augusto ordenando um recenseamento geral. E cada um devia alistar-se na cidade do seu nascimento. José nascera em Belém, a mesma cidade de

Daví. Para lá dirigiu-se ao lado de Maria. Enquanto Nazaré ficava na província da Galiléia, Belém situava-se na província da Judéia. Longa foi a caminhada chegando cansados ao seu destino. Como fôssem pobres, não havia lugar para êles na estalagem, hospedando-se numa estrebaria. Ali nasceu Jesus.

PAULO — Numa estrebaria, dr. Antônio?

VOVÔ — Numa estrebaria. E sabem quais foram as primeiras visitas que Jesus teve?

FREDI — Quais?

VOVÔ — Os primeiros a visitá-lo foram pastores. Um dos grandes escritores bíblicos do Novo Testamento foi São Lucas. Era um médico a quem o grande apóstolo Paulo chamou de médico amado. Lucas faz a narrativa dessa visita. Eu trouxe comigo uma Bíblia para que vocês ouçam a própria narrativa feita pelo evangelista São Lucas. Encontra-se no Capítulo 2 versículo 8 até 20. Querem que eu leia?

TODOS — Queremos.

VOVÔ — Então ouçam pois é de uma peregrina beleza:

"Ora havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho. E eis que o anjo do Senhor veio sôbre êles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor. E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo; pois, na cidade de Daví, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa mangedoura. E no mesmo instante apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens. E aconteceu

que, ausentando-se dêles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: Vamos pois até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fêz saber. E foram apressadamente, a acharam Maria, e José, e o menino deitado na mangedoura. E, vendo-o, divulgaram a palavra que acêrca do menino lhes fôra dita; E todos os que a ouviram se maravilharam do que os pastores lhes diziam. Mas Maria guardava tôdas estas coisas, conferindo-as em seu coração. E voltaram os pastores, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes havia sido dito".

CARLINHOS — É realmente uma linda descrição vovô.

VOVÔ — Como vocês ouviram, tudo no nascimento de Jesus é simples e humilde: o seu pai, José, carpinteiro, e sua mãe Maria, eram pobres, simples e humildes; o lugar onde Jesus nasceu, humilde; e humildes foram as primeiras visitas. Bem se vê, o plano de Deus, em contraste com as considerações humanas, aparências, aparatos, prestígio social, poder e fastígio. Não se despreze o humilde, que pode ser pelo querer e poder de Deus, instrumento para gloriosos feitos.

CARLINHOS — Eu gosto tanto de mamãe, vovô que fiquei até arrepiado, quando ouvi o vovô ler: "mas Maria guardava tôdas estas coisas, conferindo-as em seu coração".

VOVÔ — Tem razão, Carlinhos, imagine aquela santa mãe, que teve a indescritível benção de Deus de ser a mãe na terra, do Salvador, a alegria e o gozo que lhe ia na alma, por tôdas as gloriosas coisas que ouvia. E Maria recebia essas graças e bençãos de Deus, porque era uma fiel seguidora dos preceitos divinos, não só pela palavra, mas pelo exemplo e pela vida.

Tanto assim que quando ela recebeu o aviso do anjo, de acôrdo com o evangelho de Lucas, Capítulo 1, versículo 38, assim ela se expressou: "Eis aqui a serva do Senhor: cumpra-se em mim segundo a tua palavra".

BIRUNGA — Tudo isto é maravilhoso!

FREDI — É verdade, Dr. Antônio, que os magos visitaram o menino Jesus?

VOVÔ — É verdade. Se de um lado, a humildade rendia preito e louvor àquele que deu o exemplo de humildade ao mundo era natural que aquêles que representavam o reino e a sabedoria da terra rendessem culto e se prostassem diante de Jesus que era não só a sabedoria dos céus mas o rei dos reis.

CARLINHOS — Gostaria de saber direitinho, vovô, como foi mesmo essa visita dos magos.

VOVÔ — Prefiro que vocês ouçam diretamente das Escrituras Sagradas o que elas dizem neste sentido. Encontra-se no Evangelho segundo São Mateus cap. 2, v. 1 até o v. 12. Vou ler para vocês.

NEUSINHA — Que bom, que bom, vovô.

VOVÔ — Eis o que aqui está escrito: "E,tendo nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém, dizendo: onde está aquêle que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrêla no Oriente, e viemos a adorá-lo. E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se e tôda Jerusalém com êle. E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. E êles lhe disseram: Em Belém da Judéia; porque assim está escrito pelo profeta: e tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascen-

tar o meu povo de Israel. Então Herodes chamando secretamente os magos inquiriu exatamente dêles acerca do tempo em que a estrêla lhes aparecera. E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino, e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore. E, tendo êles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrêla que tinham visto no oriente, ia adiante dêles, até que chegando, se deteve sôbre o lugar onde estava o menino. E, vendo êles a estrêla, alegraram-se muito com grande alegria. E entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhes dádivas: ouro, incenso e mirra. E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho".

FREDI— Maravilhosa narração, Dr. Antônio. Mas, por que os magos ofereceram justamente ouro, incenso e mirra?

VOVÔ — Dizem alguns que isso se deu pelas qualidades de Jesus: profeta, sacerdote e rei. Como rei, recebeu ouro, como sacerdote, incenso, e, como profeta, mirra.

NEUSINHA — Como devia ser bonita a estrêla que estava guiando os magos, não, vovô?

VOVÔ — Realmente e também isso tinha um sentido; era a estrêla dos céus apontando à terra, a luz do mundo, a Estrêla de Manhã. E quase o mundo todo, iluminado por esta luz, comemora hoje o Natal de Cristo. Comemorêmo-lo condignamente. E agora, até amanhã a todos vocês.

TODOS — Até amanhã.

★

Êste livro foi composto
e impresso na
Gráfica e Editôra EDIGRAF Ltda.
à Rua Uruguaiana, 88
São Paulo — Brasil

★

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 053010564

Composto e impresso
na
Gráfica e Editôra EDIGRAF Ltda.
Rua Uruguaiana, 88
São Paulo — Brasil